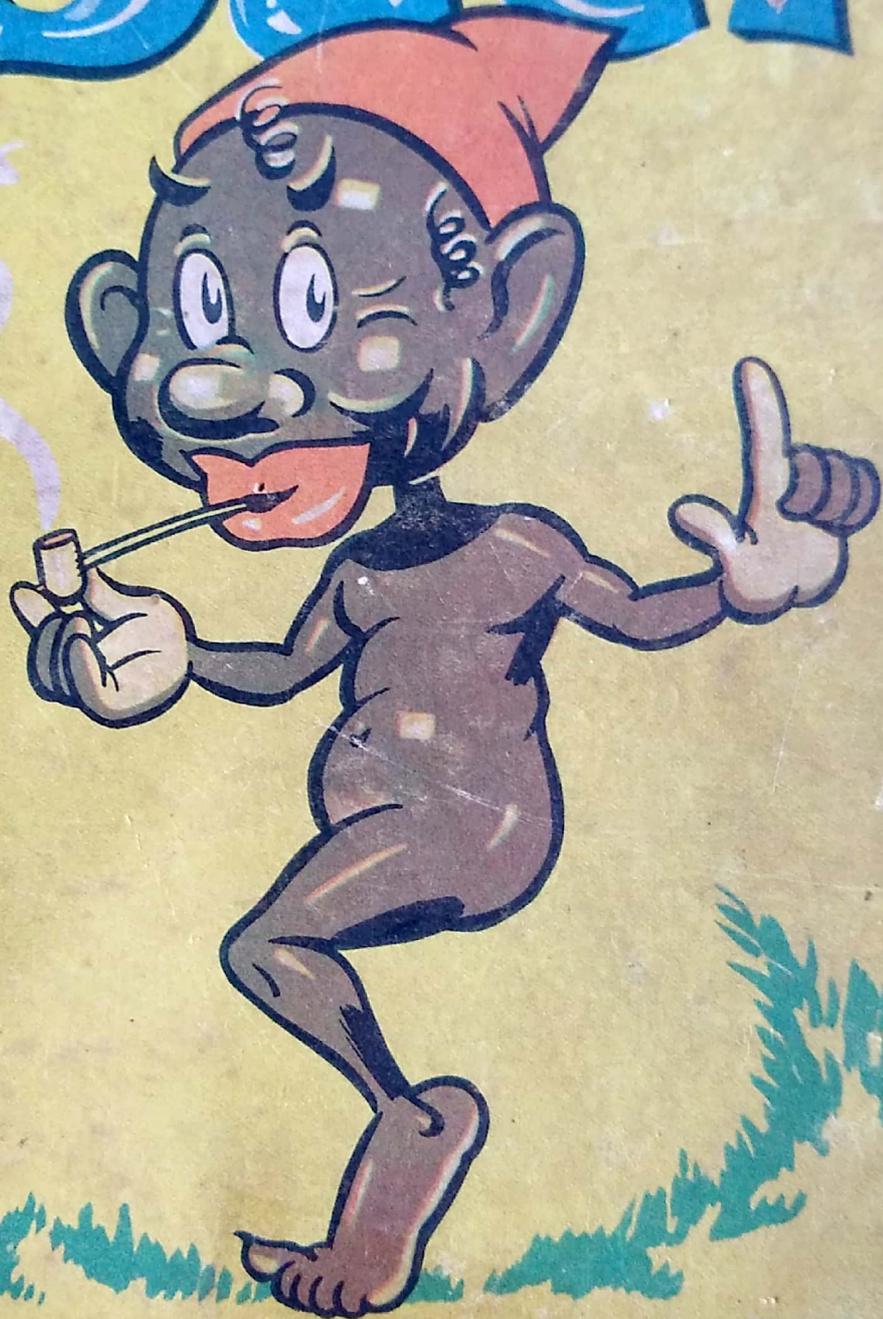


Monteiro Lobato

# O Saci

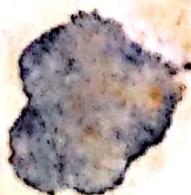


COMPANHIA EDITORA NACIONAL ★ SÃO PAULO

9

95

O SACI



MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO MONTEIRO LOBATO  
AV. VISCONDE DE SABUGOSA S/N.  
CEP 12060-830 - TAUBATÉ SP

T. 4549



# LITERATURA INFANTIL

SÉRIE 1.ª da

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Sob a direção de Fernando de Azevedo

---

## VOLUMES PUBLICADOS

por MONTEIRO LOBATO

- 1 — **Reinações de Narizinho**
- 3 — **Viagem ao Céu**
- 4 — **O Saci**
- 5 — **Aventuras de Hans Staden**
- 9 — **As Caçadas de Pedrinho**
- 10 — **Historia do Mundo para Crianças**
- 11 — **Novas Reinações de Narizinho**
- 14 — **Emília no País da Gramática**
- 19 — **Robinson Crusóé (Adapt. de M. Lobato)**
- 20 — **Peter Pan**
- 21 — **Aritmética da Emília**
- 22 — **Geografia de Dona Benta**
- 23 — **Historia das Invenções**
- 25 — **D. Quixote das Crianças**
- 26 — **Memórias da Emília**
- 27 — **O Poço do Visconde**
- 28 — **Serões de Dona Benta**
- 29 — **Historias de Tia Nastácia**
- 31 — **O Picapau Amarelo**
- 32 — **O Minotauro**

por LEWIS CARROLL (Trad. de M. Lobato)

- 2 — **Alice no País das Maravilhas**
- 8 — **Alice no País do Espelho**

por HANS ANDERSEN (Trad. de M. Lobato)

- 6 — **Contos de Andersen**
- 15 — **Novos contos de Andersen**

por IRMAOS GRIMM (Trad. de M. Lobato)

- 7 — **Contos de Grimm**
- 16 — **Novos Contos de Grimm**

por G. A. BÜRGER

- 12 — **Aventuras do Barão de Münchhausen**

por C. COLLODI (Trad. revista por M. Lobato)

- 13 — **Pinocchio**

por CHARLES PERRAULT (Trad. de M. Lobato)

- 17 — **Contos de Fadas**

por VIRIATO CORREIA

- 18 — **Historia do Brasil para Crianças**
- 24 — **Meu Torrão**

por MURILO ARAUJO

- 30 — **A Estrela Azul (Poemas para as crianças)**

★

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
SÃO PAULO

Serie 1.<sup>a</sup>

LITERATURA INFANTIL  
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

---

Vol. 4

MONTEIRO LOBATO

# Ô SACI

Ilustrações de J. U. CAMPOS



8.<sup>a</sup> EDIÇÃO

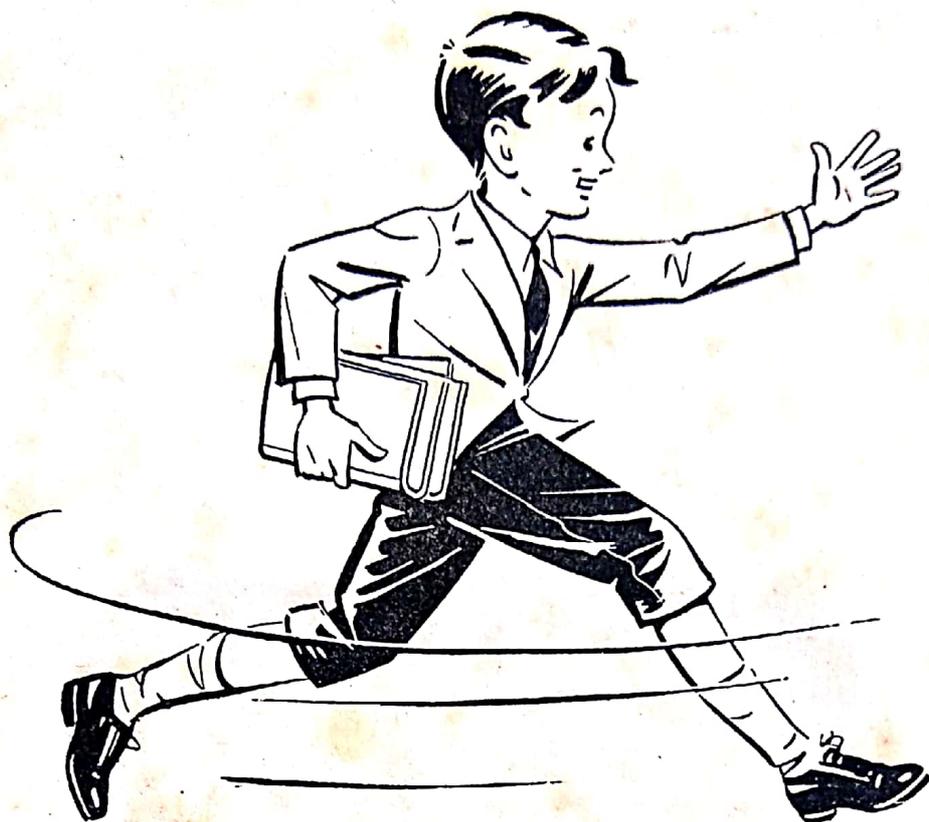
*Companhia Editora Nacional*  
SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO - RECIFE - PORTO ALEGRE

1941

# Indice

---

I — Em ferias . . . . .	7
II — O sitio de dona Benta . . . . .	9
III — Medo de Saci . . . . .	12
IV — Tio Barnabé . . . . .	14
V — Pedrinho pega um Saci . . . . .	20
VI — A Modorra . . . . .	25
VII — A Sacizada . . . . .	29
VIII — A Onça . . . . .	32
IX — A Sucuri. . . . .	34
X — A floresta . . . . .	37
XI — Discussão . . . . .	39
XII — O jantar. . . . .	42
XIII — Novas discussões . . . . .	45
XIV — A Iára e a Cuca . . . . .	49
XV — Os filhos do medo . . . . .	54
XVI — O Cauré. . . . .	56
XVII — O Uirapurú. . . . .	58
XVIII — O Urutáu . . . . .	60
XIX — O Jurupari . . . . .	62
XX — O Boitatá . . . . .	65
XXI — O Negrinho. . . . .	68
XXII — Meia-noite . . . . .	71
XXIII — Saida dos Sacis. . . . .	74
XXIV — Lobishomem. . . . .	76
XXV — A mula sem cabeça . . . . .	78
XXVI — Más noticias. . . . .	80
XXVII — Chegam ao sitio . . . . .	85
XXVIII — A Cuca . . . . .	90
XXIX — O novelo de cipós . . . . .	94
XXX — O pingo d'agua . . . . .	97
XXXI — A Iára . . . . .	100
XXXII — A caverna da Cuca . . . . .	104
XXXIII — Desencantamento . . . . .	106



I

## Em ferias

**Q**UANDO naquela tarde Pedrinho voltou da escola e disse a dona Tonica que as ferias iam começar dali uma semana, a boa senhora perguntou:

— E onde quer passar as ferias deste ano, Pedrinho? O menino botou as mãos na cintura, rindo-se de tamanha ingenuidade.

— Que pergunta, mamãe! Nem parece duma senhora inteligente. Pois onde mais, senão no sitio de vóvó?

Pedrinho não podia compreender ferias passadas em outro lugar que não fosse o Sitio do Picapau Amarelo, em

companhia de sua prima Narizinho, do marquês de Rabicó, do excelentíssimo senhor visconde de Sabugosa e da boneca Emilia. E tinha de ser assim mesmo, porque dona Benta era a melhor das vóvós; Narizinho, a mais galante das primas; Emilia, a mais maluquinha e asneirenta de todas as bonecas; o marquês de Rabicó, o mais rabicó de todos os marqueses e o visconde de Sabugosa, o mais “comodo” de todos os viscondes. E havia ainda a famosa tia Nastacia, a melhor quituteira deste e de todos os mundos que existem. Quem comia uma vez os seus bolinhos de polvilho, não podia nem sequer sentir o cheiro de bolos feitos por outras cozinheiras.

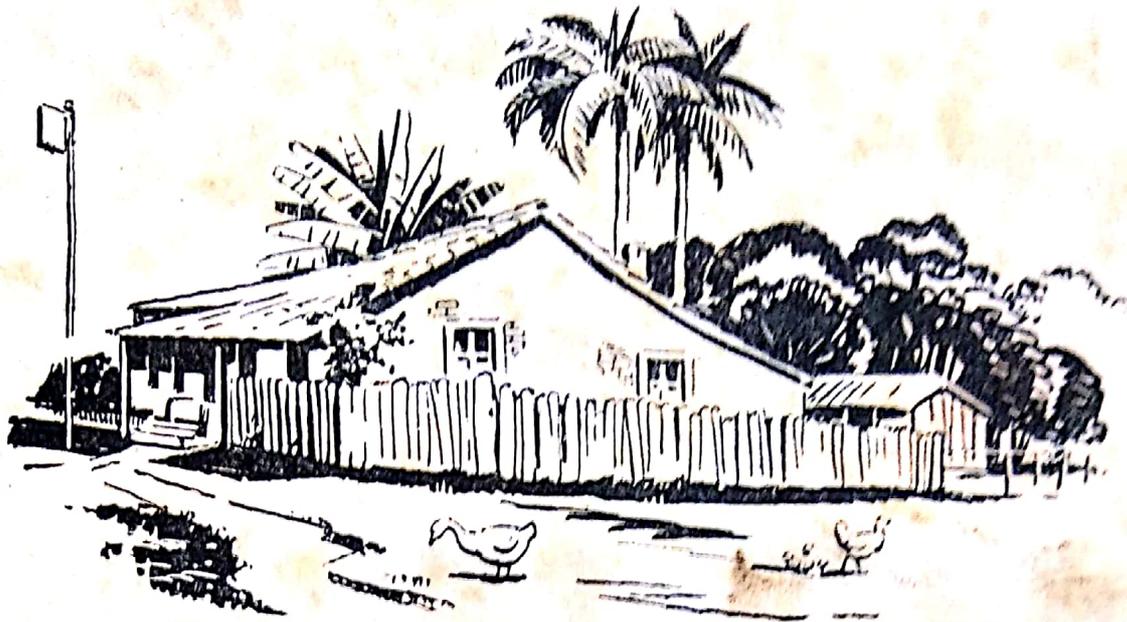
Pedrinho tinha recebido uma carta de sua prima, dizendo: “Nosso grupo vai este ano completar seculo e meio de idade e é preciso que você não deixe de vir pelas ferias para comemorarmos o grande acontecimento”.

Esse seculo e meio de idade era contado assim: dona Benta, 64 anos; tia Nastacia, 66; Narizinho, 8; Pedrinho, 9; Emilia, o marquês e o visconde, 1 cada um. Ora, 64 mais 66 mais 8 mais 9 mais 1 mais 1 mais 1, fazem 150 anos, ou seja um seculo e meio.

Logo que recebeu essa carta, Pedrinho fez a conta com um lapis para ver se pilhava a prima em erro; mas não pilhou.

— E’ uma danada, aquela Narizinho! disse ele. Não ha meio de errar em contas.





## II

### O sitio de dona Benta

O sitio de dona Benta era no jeito de todas as velhas fazendas do Brasil de dantes. Porque ha tambem o Brasil de hoje, muito mais sem graça. Havia a casa, uma espaçosa casa muito fresca, caiada de branco, tendo á frente um terreiro que tia Nastacia conservava muito bem varridinho. A casa tinha varanda com trepadeiras e vasos de avenca. Do lado esquerdo ficava a horta e do lado direito o jardim. O pomar ficava atrás.

Que jardim simpatico, aquele! Só flores do tempo de dantes, umas flores que já não se encontram hoje nos jardins das cidades. Flores do tempo da mocidade de dona Benta, já fôra da moda. Esporinhas, maravilhas, alecrim, suspiros, orelha-de-macaco, dama-entre-verdes e até cravo-de-defunto, que é a flor mais triste que ha. Narizinho vivia

querendo arrancar dos canteiros essa flor amarela, de cheiro enjoativo, só porque se chamava cravo-de-defunto. Mas dona Benta não consentia.

— Deixe o coitado aí. Que culpa tem de ser feio? Os feios também têm o direito de viver.

— Mas além de feio é de defunto, vóvó, dizia a menina fazendo careta.

— Ora, ora! replicava dona Benta. Todos nós não vamos virar defuntos também, um dia?

E o cravo-de-defunto ia ficando.

O pomar, sim, não tinha uma só árvore que Narizinho quisesse arrancar. Muito velho, mais velho ainda do que dona Benta, pois havia sido plantado pelo pai dela. Havia quanto pé de fruta há no mundo, desde a jaca, que é a maior de todas, até a marianeira, que é menorzinha. Cambucás, mangas, pitanga, jaboticaba, grumixama, cabeluda, sapoti... tudo, tudo!

As árvores, porém, eram tão idosas e tão cobertas de musgos e parasitas que os vizinhos caçoavam. Costumavam dizer: "O pomar de dona Benta está tão velho que qualquer dia começa a caducar. A jaqueira pega a dar pitangas e as pitangueiras pegam a dar jacas". Mas dona Benta não fazia caso. Não admitia que se cortasse uma só árvore, porque cada uma delas lhe lembrava uma porção de coisas do seu tempo de mocidade.

E tinha razão, porque era impossível haver no mundo um lugar mais sossegado, mais cheio de passarinhos, mais agradável da gente passear nele e ficar ali, na sombra duma árvore, pensando na vida e deixando o tempo correr.

Não sei se contei que no terreiro havia um mastro de S. João. Pois havia, sim. Um mastro que Pedrinho reno-

vava todos os anos, quando vinha pelas ferias de Junho. Ele mesmo cortava o pau no mato, ele mesmo descascava-o e pintava-o inteirinho, desenhando no roliço da madeira rodela vermelhas, amarelas, azues e verdes. Para o alto do mastro ia, cada ano, uma bandeira de S. João novinha em folha, que durava até o tempo das chuvas, lá por Setembro. Dessa epoca em diante a bandeira começava a desbotar, para, por fim, ficar reduzida a farrapos que brincavam com o vento.



## Medo de saci

**P**EDRINHO veio. Houve a festa para comemorar o seculo e meio de idade do bando. Houve as brincadeiras e os passeios de todos os anos. Por fim uma ideia entrou na cabeça do menino: ir caçar na mata virgem, a meia legua de distancia da casa.

— Vóvó sabe, disse ele a dona Benta, que estou com vontade de ir caçar na mata virgem?

— E o senhor meu neto não sabe que a senhora sua avó não consente nisso, nem que S. João desça do mastro a venha, com o carneirinho no colo, pedir semelhante coisa de joelhos? Não sabe que pode haver onças por lá e eu não quero ser chamada a “avó do menino que a onça comeu”?

Pedrinho, que jamais tivera medo de onça, fez um bico de desprezo.

— E a senhora então pensa que este seu neto lá tem medo de onça?

Dona Benta riu-se de tanta coragem.

— Olhem o valentão! Quem foi que uma tarde entrou aqui berrando porque uma vespa o havia mordido?

— Sim, vóvó, de vespa tenho medo, não négo; mas de onça, não! Se ela vier do meu lado, prego-lhe uma pelotada de bodoque no olho direito, outra no olho esquerdo, outra bem no meio do focinho, outra no...

— Chega! interrompeu dona Benta, com medo que alguma pelotada errasse a onça e acertasse nela. Mas além de onças ha cobras.

— Cobra? repetiu Pedrinho com cara de pouco caso. Cobra *mata-se* com um pedaço de pau. Cobra! Como se eu lá pudesse ter medo de cobra!...

— E ha aranhas caranguejeiras, daquelas peludas e grandonas, que comem passarinho.

— Aranha mata-se com o pé, vóvó, assim! respondeu Pedrinho, matando com o pé, ali mesmo na sala, uma duzia de enormes aranhas imaginarias, para melhor convencer a velha da sua habilidade em matar caranguejeiras.

— E ha tambem sacis, concluiu dona Benta.

Pedrinho calou-se. Embora nunca o tivesse confessado a ninguem, percebia-se que de saci, sim, ele tinha medo.

Ele e todos os meninos das redondezas — os caboclinhos, os negrinhos. Não havia um só que não conhecesse historias do saci e não tivesse um especial medinho do moleque duma perna só.



## Tio Barnabé

**Q**UEM contou a Pedrinho as primeiras historias do saci foi o tio Barnabé, um negro velho que morava perto da ponte e fôra escravo do pai de dona Benta. Pedrinho tinha ido visita-lo certo dia, expressamente para saber coisas do saci.

— Tio Barnabé, explique-me essa historia de saci. Ouço falar nesse capeta, mas ninguem me diz certo o que é e como é.

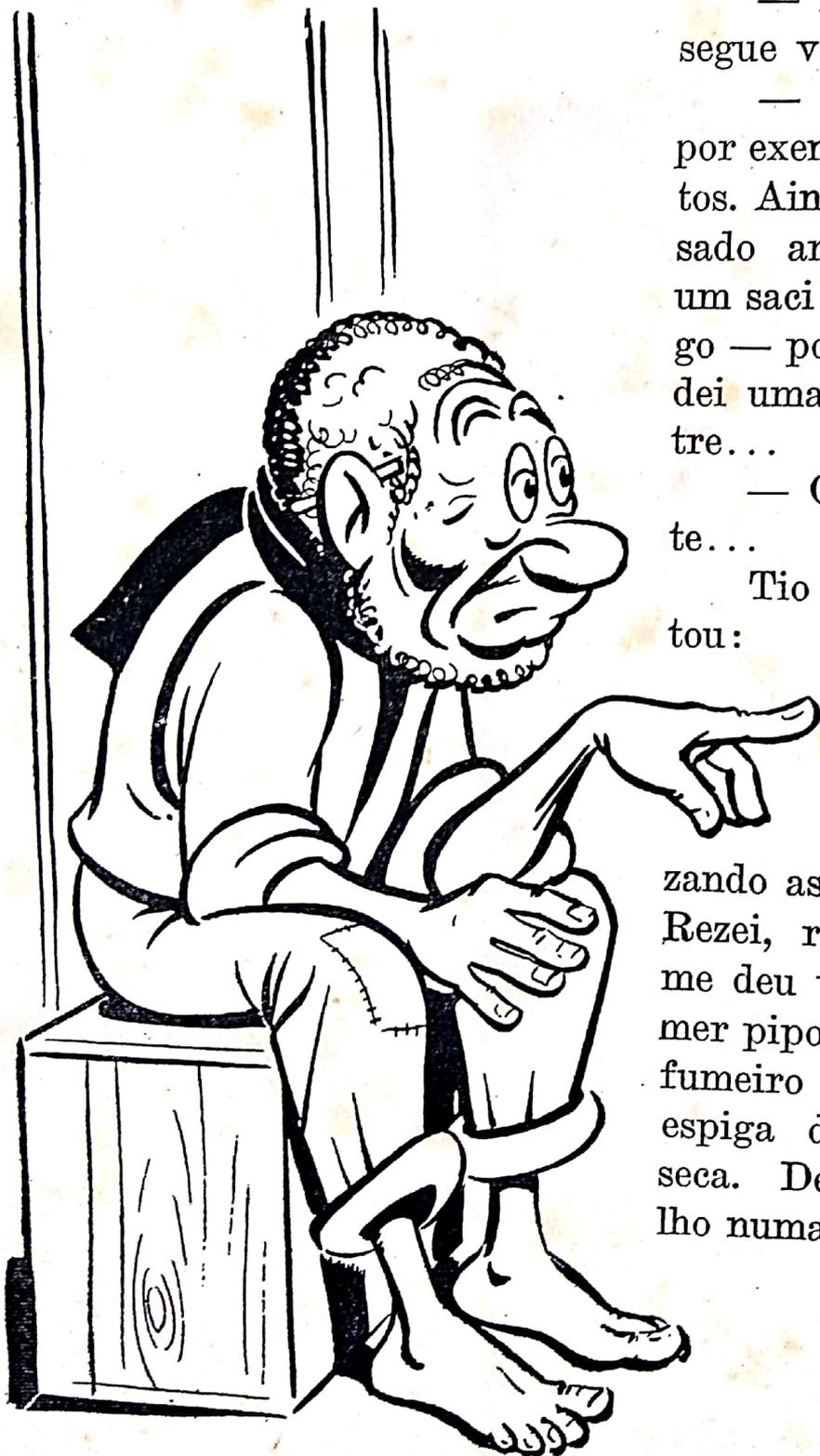
E o negro contou tudo direitinho.

— O saci, disse ele, é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando reinações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci, fica senhor de um pequeno escravo para toda a vida.

— Mas que reinações ele faz? indagou o menino.

— Quantas pode, respondeu o negro. Azéda o leite, quebra a ponta das agulhas, esconde as tesourinhas de unha, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair nos buracos, bota moscas na sopa, queima o feijão que está no fogo, góra os ovos das ninhadas. Quando encontra um prego, vira ele de ponta p'ra riba para que espete o pé

do primeiro que passa. Tudo que acontece de ruim numa casa é sempre arte do saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto, chupando o sangue dos coitados. O saci não faz maldade grande, mas não ha maldade pequenina que não faça.



— E a gente consegue ver o saci?

— Como não? Eu, por exemplo, já vi muitos. Ainda no mês passado andou por aqui um saci mexendo comigo — por sinal que lhe dei uma lição de mestre...

— Como foi? Conte...

Tio Barnabé contou:

— Tinha anoitecido e eu estava sozinho em casa, rezando as minhas rezas. Rezei, rezei, e depois me deu vontade de comer pipoca. Fui ali no fumeiro e escolhi uma espiga de milho bem seca. Debulhei o milho numa caçarola, pus

a caçarola no fogo e vim para este canto picar fumo p'r'o pito. Nisto ouvi no terreiro um barulhinho que não me engana. "Vai ver que é saci!" pensei comigo. E era mesmo. Dali a pouco um saci preto que nem carvão, de carapuça vermelha e pitinho na boca, apareceu na janela. Eu imediatamente me encolhi no meu canto e fingi que estava dormindo. Ele espiou de um lado e de outro e por fim pulou para dentro. Veio vindo, chegou pertinho de mim, escutou os meus roncões e convenceu-se de que eu estava mesmo dormindo. Então começou a reinar na casa. Remexeu tudo, que nem mulher velha, sempre farejando o ar com o seu narizinho muito aceso. Nisto o milho começou a chiar na caçarola e ele dirigiu-se para o fogão. Ficou de cocre no cabo da caçarola, fazendo micagens. Estava "rezando" o milho, como se diz. E adeus, pipoca! Cada grão que o saci reza, não rebenta mais, vira piruá.

Dali saiu p'ra bulir numa ninhada de ovos que a minha carijó calçuda estava chocando num balaio velho, naquele canto. A pobre galinha quasi que morreu de susto. Fez *cró, cró, cró...* e voou do ninho feito uma louca, mais arrepiada que um ouriço-cacheiro. Resultado: o saci rezou os ovos e todos goraram.

Em seguida pôs-se a procurar o meu pito de barro. Achou o pito naquela mesa, pôs uma brasiinha dentro e *pac, pac, pac...* tirou justamente sete fumaçadas. O saci gosta muito do numero sete.

Eu disse cá comigo: "Deixe estar, coisaruinzinho, que eu ainda apronto uma boa para você. Você ha-de voltar outro dia e eu te curo".

E assim aconteceu. Depois de muito virar e mexer, o sacizinho foi-se embora e eu fiquei armando o meu plano para quando ele voltasse.

— E voltou? inquiriu Pedrinho.

— Como não? Na sexta-feira seguinte apareceu aqui outra vez, às mesmas horas. Espiou da janela, ouviu os meus roncos fingidos, pulou para dentro. Remexeu em tudo, como da primeira vez, e depois foi atrás do pito que eu tinha guardado no mesmo lugar. Pôs o pito na boca e foi ao fogão buscar uma brasinha, que trouxe dansando nas mãos.



— E' verdade que ele tem as mãos furadas?

— E', sim. Tem as mãos furadinhas bem no centro da palma; quando carrega brasa vem brincando com ela, fazendo ela passar de uma para a outra mão pelo furo. Trouxe a brasa, pôs a brasa no pito e sentou-se de pernas cruzadas para fumar com todo o seu sossego.

— Como? exclamou Pedrinho, arregalando os olhos. Como cruzou as pernas, se saci tem uma perna só?

— Ah, menino, mecê não imagina como saci é arteiro!... Tem uma perna só, sim, mas quando quer *cruza as pernas* como se tivesse duas! São coisas que só ele entende e ninguém pode explicar. Cruzou as pernas e começou tirar baforadas, uma atrás da outra, muito satisfeito da vida. Mas de repente, *puff!* aquele estouro e aquela fumaceira!... O saci deu tamanho pinote que foi parar lá longe, e saiu ventando pela janela fóra.

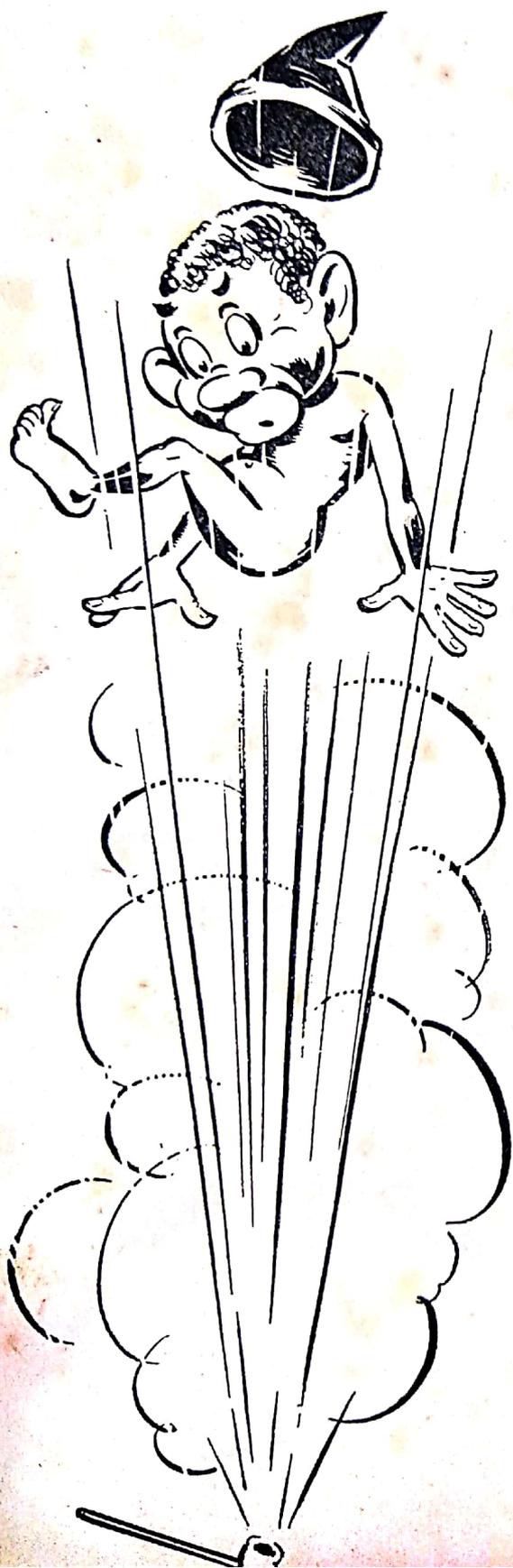
Pedrinho fez cara de quem não entende.

— Mas que *puff* foi esse? perguntou. Não estou entendendo...

— E' que eu tinha socado polvora no fundo do pito, exclamou tio Barnabé, dando uma risada gostosa. A polvora explodiu justamente quando ele estava tirando a fumaçada numero sete, e o saci, com a cara toda sapecada, raspou-se para nunca mais voltar.

— Que pena! exclamou Pedrinho. Tanta vontade que eu tinha de conhecer esse saci...

— Mas não ha um só saci no mundo, menino. Esse lá se foi e nunca mais aparece por estas bandas, mas quantos outros não andam por aí? Ainda na semana passada apareceu um no pasto



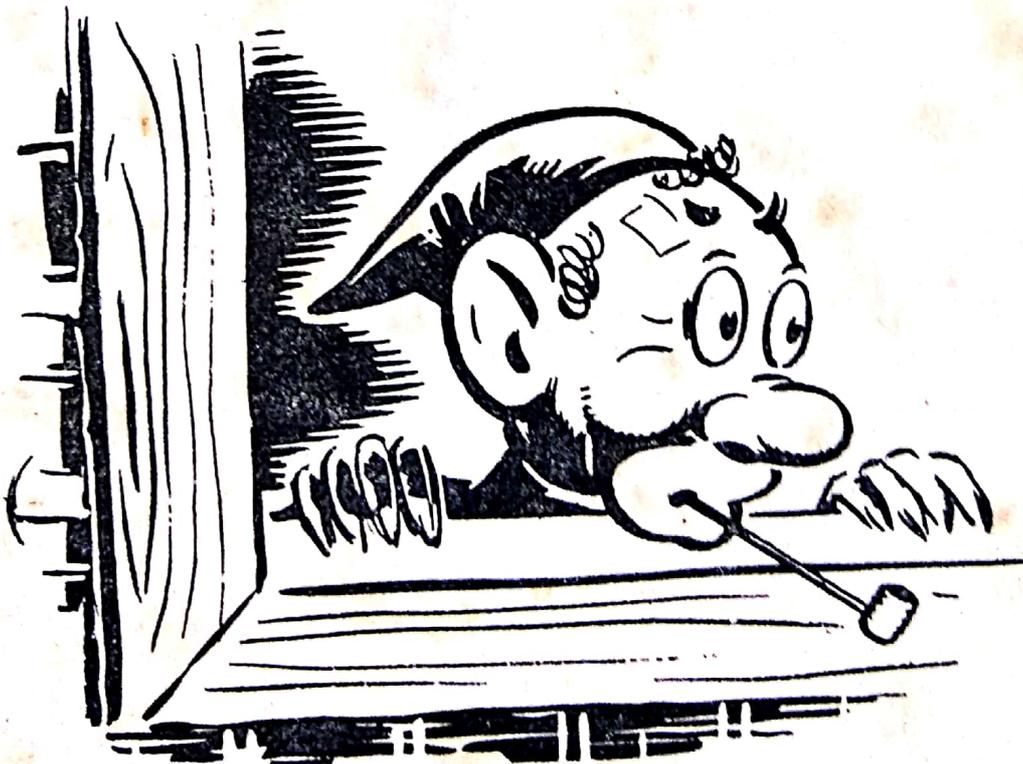
de seu Quincas Teixeira e chupou o sangue daquela egua baia que tem uma estrela na testa.

— Como é que ele chupa o sangue dos animais?

— Muito bem. Faz um estribo na crina, isto é, dá uma laçada na crina do animal de modo que possa enfiar o pé e manter-se em posição de ferrar os dentes numa das veias do pescoço e chupar o sangue como fazem os morcegos. O pobre animal assusta-se e sai pelos campos na disparada, correndo até não poder mais. O unico meio de evitar isso é botar bentinho no pescoço dos animais.

— Bentinho é bom?

— E' um porrete. Dando com cruz ou bentinho pela frente, o saci féde enxofre e foge com botas de sete leguas.



## Pedrinho pega um saci

**T**ÃO impressionado ficou Pedrinho com esta conversa que dali por diante só pensava em saci, e até começou a enxergar sacis por toda a parte. Dona Benta caçoou com ele, dizendo:

— Cuidado! Já vi contar a historia de um menino que de tanto pensar em saci acabou virando saci...

Pedrinho não fez caso da historia, e um dia, enchendo-se de coragem, resolveu pegar um. Foi de novo em procura do tio Barnabé.

— Estou resolvido a pegar um saci, disse ele, e quero que você me ensine o melhor meio.

Tio Barnabé apreciou aquela valentia.

— Gosto de ver um menino assim. Bem mostra que é neto do defunto sinhô velho, um homem que não tinha medo nem de mula sem cabeça. Ha muitos jeitos de pegar saci, mas o melhor é o de peneira. Arranja-se uma peneira de cruzeta...

— Peneira de cruzeta? interrompeu o menino. Que é isso?

— Nunca reparou que certas peneiras têm duas taquaras mais largas que se cruzam bem no meio e servem para reforço? Olhe aqui — e mostrou ao menino uma das tais peneiras que estava ali num canto. Pois bem, arranja-se

uma peneira destas e fica-se esperando um dia de vento bem forte, em que haja rodaminho de poeira e folhas secas. Chegada essa ocasião, vai-se com todo o cuidado para o rodaminho e *zás!* joga-se a peneira em cima. Em todos os rodaminhos ha saci dentro, porque fazer rodaminhos é justamente a principal occupação dos sacis neste mundo.

— E depois?

— Depois, se a peneira foi bem atirada e o saci ficou preso, é só dar jeito de botar ele dentro de uma garrafa e arrolhar muito bem. Não esquecer de riscar uma cruzinha na rolha, porque o que prende o saci na garrafa não é a rolha e sim a cruzinha riscada nela. E' preciso ainda tomar a carapucinha dele e a esconder bem escondida. Saci sem carapuça é como cachimbo sem fumo.

Eu já tive um saci na garrafa, que me prestava muito bons serviços. Mas veio aqui um dia aquella mulatinha sapéca que mora na casa do compadre Bastião e tanto lidou com a garrafa que a quebrou. Bateu logo um cheirinho de enxofre. O pernetá pulou em cima da sua carapuça, que estava ali naquele prego, e — “Até logo, tio Barnabé!”

Depois de ouvir tudo com a maior atenção, Pedrinho voltou para casa decidido a pegar um saci, custasse o que custasse. Contou o seu projeto a Narizinho e longamente discutiu com ela sobre o que faria no caso de escravizar um daqueles terriveis capetinhas. Depois de arranjar uma boa peneira de cruzeta, ficou á espera do dia de S. Bartolomeu, que é o dia mais ventoso do ano.

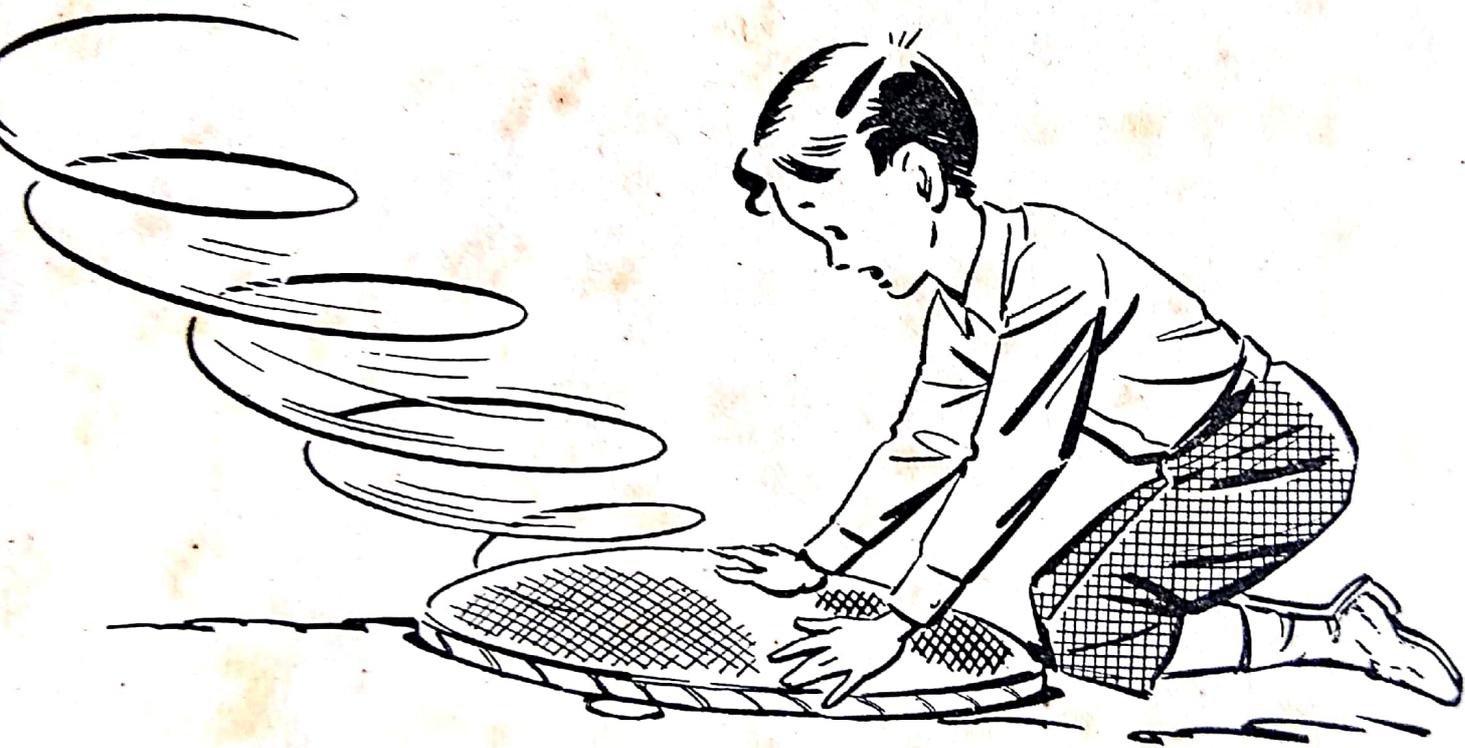
Custou a chegar esse dia, tal era sua impaciencia, mas afinal chegou, e desde muito cedo Pedrinho foi postar-se no terreiro, de peneira em punho, á espera de rodaminhos.

Não esperou muito tempo. Um forte rodamoinho formou-se no pasto, e veio caminhando para o terreiro.

— E' hora! disse Narizinho. Aquele que vem vindo está com muito jeito de ter saci dentro.

Pedrinho foi se aproximando pé ante pé e, de repente, *zás!* jogou a peneira em cima.

— Peguei! gritou, no auge da emoção, debruçando-se com todo o peso do corpo sobre a peneira emborcada. Peguei o saci!...



A menina correu a ajuda-lo.

— Peguei o saci! repetiu o menino vitoriosamente. Corra, Narizinho, e traga-me aquela garrafa escura que deixei na varanda. Depressa!

A menina foi num pé e voltou noutro.

— Enfie a garrafa dentro da peneira, ordenou Pedrinho, enquanto eu cerco dos lados. Assim! Isso!...

A menina fez como ele mandava e com muito jeito a garrafa foi introduzida dentro da peneira.

— Agora tire do meu bolso a rolha que tem uma cruz riscada em cima, continuou Pedrinho. Essa mesma. Dê cá.

Pela informação do tio Barnabé, logo que a gente põe a garrafa dentro da peneira o saci por si mesmo entra dentro dela, porque, como todos os filhos das trevas, tem a tendencia de procurar sempre o lugar mais escuro. De modo que Pedrinho o mais que tinha a fazer era arrolhar a garrafa e erguer a peneira. Assim fez, e foi com o ar de vitoria de quem houvesse conquistado um imperio, que levantou no ar a garrafa para examina-la contra a luz.

Mas a garrafa estava tão vazia como antes. Nem sombra de saci dentro...

A menina deu-lhe uma vaia e Pedrinho, muito desapontado, foi contar o caso ao tio Barnabé.

— E' assim mesmo, explicou o negro velho. Saci na garrafa é invisivel. A gente só sabe que ele está lá dentro quando a gente cai na modorra. Num dia bem quente, quando os olhos da gente começam a piscar de sono, o saci pega a tomar fórmula até que fica perfeitamente visivel. E' desse momento em diante que a gente faz dele o que quer. Guarde a garrafa bem fechada, que garanto que o saci está dentro dela.

Pedrinho voltou para casa orgulhosissimo com a sua façanha.

— O saci está aqui dentro, sim, disse ele a Narizinho. Mas está invisivel, como me explicou tio Barnabé. Para a gente ver o capetinha é preciso cair na modorra — e repetiu á menina tudo o que o negro lhe dissera.

Quem não gostou da brincadeira foi a pobre tia Nastácia. Como tinha um medo horrível de tudo quanto era mistério, nunca mais chegou nem na porta do quarto de Pedrinho.

— Deus me livre de entrar num quarto onde ha garrafa com saci dentro! Crédo! Nem sei como dona Benta consente semelhante coisa em sua casa. Não parece ato de cristão...



## A modorra

UM dia Pedrinho enganou dona Benta que ia visitar tio Barnabé, mas em vez disso tomou o rumo da mata virgem de seus sonhos. Nem o bodoque quis consigo. “Para que armas, se levo o saci na garrafa e ele é uma arma melhor do que quanto canhão ou metralhadora existe?”

Que beleza! Pedrinho nunca supôs que uma floresta virgem fosse tão imponente. Aquelas arvores enormes, velhissimas, barbadas de musgos e orquideas, com as raizes de fóra dando ideia de monstruosas sucuris; aqueles cipós torcidos de todos os jeitos, que passavam de uma arvore para outra como se fossem redes; aquela galharada, aquela folharada e sobretudo aquele ambiente de umidade e sombra, lhe causaram uma impressão que nunca mais se apagou.

Volta e meia ouvia um rumor estranho, de inambú ou jacú a esvoaçar por entre a folhagem, ou então de algum galho podre que tombava do alto e vinha num estardalhaço — *brah, ah, ah...* esborrachar-se no chão.

E quantas borboletas, das azues, como cauda de pavão; das cinzentas, como casca de pau; das amarelas, côr de gema de ovo!

E passaros! Ora um enorme tucano, de bico maior que o corpo e lindo papo amarelo. Ora um picapau, que interrompia o seu trabalho de bicar a madeira de uma arvore para atentar no menino com interrogativa curiosidade.

Até um bando de macaquinhos ele viu, pulando de galho em galho com incrível agilidade e balançando-se, pendurados pela cauda, como pendulos de relógio.

Pedrinho foi caminhando pela mata adentro até alcançar um ponto onde havia uma água muito limpida, que corria, cheia de barulhinhos mexeriqueiros, por entre velhas pedras verdes de limo. Em redor erguiam-se os esbeltos samambaiucús, esses fetos enormes que parecem palmeiras. E quanta avenca de folhagem mimosa e quanto musgo pelo chão!



Encantado com a beleza daquele sitio, o menino parou para descansar. Juntou um monte de folhas caídas; fez cama; deitou-se de barriga para o ar e mãos cruzadas na nuca. E ali ficou num enlevo que nunca sentira antes, pensando em mil coisas em que nunca pensara antes, seguindo o vôo silencioso das grandes borboletas azues e embalando-se com o chiar das cigarras.

De repente notou que o saci dentro da garrafa fazia gestos de quem quer dizer qualquer coisa.

Pedrinho não se admirou daquilo. Era tão natural que o capetinha afinal aparecesse...

— Que aconteceu que está assim inquieto, meu caro saci? perguntou-lhe em tom brincalhão.

— Aconteceu que este lugar é o mais perigoso da floresta, e que se a noite pilhar você aqui, era uma vez o neto de dona Benta...

Pedrinho sentiu um arrepio correr-lhe pelo fio da espinha.

— Por que? perguntou, olhando ressabiadamente para todos os lados.

— Porque é justamente aqui o coração da mata, ponto de reunião de sacis, lobishomens, bruxas, capora e até da mula sem cabeça. Sem meu socorro você estará perdido, porque não ha mais tempo de voltar para casa, nem você sabe o caminho. Mas o meu auxilio eu só o darei sob uma condição...

— Já sei, restituir a carapuça! adiantou Pedrinho.

— Isso mesmo, confirmou o capeta. Restituir-me a carapuça e com ela a liberdade. Aceita?

— Que remedio! respondeu Pedrinho.

Pedrinho sentia muito ver-se obrigado a perder um saci que tanto lhe custara a apanhar, mas como não tinha outro remedio senão ceder, jurou que o libertaria se o saci o livrasse dos perigos da noite e pela manhã o reconduzisse, são e salvo, á casa de dona Benta.

— Muito bem, disse o saci. Mas nesse caso você pode abrir a garrafa e me soltar. Terei assim mais facilidade de ação. Você jurou que me liberta; eu dou minha palavra

de saci que mesmo solto o ajudarei em tudo. Depois o acompanharei até ao sitio para receber minha carapuça e despedir-me de Narizinho.

Pedrinho soltou o saci e durante o resto da aventura tratou-o mais como um velho camarada do que como um escravo. Assim que se viu fora da garrafa, o capeta pôs-se a dançar e a dar cabriolas, com tanto prazer que o menino ficou arrependido de por tantos dias ter conservado presa uma criaturinha tão irrequieta e amiga da liberdade.

— Vou revelar os segredos da mata virgem, disse-lhe o saci, e talvez seja você a primeira criatura humana a conhecer tais segredos. Para começar, temos de ir ao “sacizal” onde nasci, onde nasceram meus irmãos e onde todos os sacis se escondem durante o dia, enquanto o sol está de fora. O sol é o nosso maior inimigo. Seus raios espantam-nos para as tócas escuras. Somos filhos da noite e eternos namorados da lua.

E’ porisso que os poetas nos chamam de filhos das trevas. Sabe o que é trevas?

— Sei. O escuro, a escuridão.

— Pois é isso. Somos filhos das trevas, como os beija-flores, os sabiás e as abelhas são filhos do sol.

Assim falando, o saci levou o menino para uma cerrada moita de taquaruçús existente num dos pontos mais espessos da floresta.

Pedrinho assombrou-se diante das dimensões desses taquaruçús, de gomos quasi da sua altura e grossos que nem uma laranja de umbigo.

## A sacizada

**E'** aqui, dentro destes gomos, que se geram e crescem os meus irmãos de uma perna só, disse o saci. Quando chegam em idade de correr mundo, racham os gomos e pulam fora. Repare quantos gomos rachados. De cada um deles já saiu um saci.

Pedrinho viu que era exato o que ele dizia e mostrou desejos de abrir um gomo para espiar um sacizinho novo ainda preso lá dentro.

— Vou satisfazer a sua curiosidade, Pedrinho, mas não posso revelar o segredo de abrir os gomos; portanto, vire-se de costas.

O menino virou-se de costas, assim ficando até que o saci dissesse — “Pronto!” Só então desvirou-se e com grande admiração viu aberta num gomo uma perfeita janelinha.

— Posso espiar? perguntou.

— Espie, mas com um olho só, respondeu o saci. Se espiar com os dois, o sacizinho acorda e joga nos seus olhos a brasa do pitinho.

O menino assim fez. Espiou com um olho só e viu um sacizinho do tamanho de um camondongo, já de pitinho aceso na boca e carapucinha na cabeça. Estava todo encolhidinho no fundo do gomo.

— Que galanteza! exclamou Pedrinho. Que pena o povo lá de casa não estar aqui para ver esta maravilha!

— Esse sacizinho ainda fica aí durante quatro anos. A conta da nossa vida dentro dos gomos é de sete anos. Depois saímos para viver no mundo setenta e sete anos justos. Alcançando essa idade, viramos cogumelos venenosos, ou orelhas-de-pau.

Pedrinho regalou-se de contemplar o sacizete adormecido e ali ficaria horas se o saci o não puxasse pela manga.

— Chega, disse ele. Vire-se de costas outra vez, que é tempo de fechar a janelinha.

Pedrinho obedeceu, e quando de novo olhou não conseguiu perceber no gomo do taquaruçú o menor sinal da janelinha.

Justamente nesse instante um formidável miado de gato feriu os seus ouvidos.

— E' o jaguar! exclamou o saci. Trepemos depressa a uma arvore, porque ele vem vindo nesta direção.

Pedrinho, tomado de panico, fez gesto de subir na primeira arvore que viu á sua frente, um velho jacarandá coberto de barbas-de-pau.

— Nessa, não! berrou o saci. E' muito grossa; o jaguar treparia atrás de nós. Temos que escolher uma de casca bem lisa e tronco esguio. Aquele guarantã ali está otimo, concluiu, apontando para uma arvore bastante alta e magrinha de tronco, que se via á esquerda.



Subiram — e nunca em sua vida Pedrinho subiu tão depressa em uma arvore! Tinha a impressão de que o terrível tigre dos sertões estava atrás dele, já de boca aberta para o engulir vivo. Mas era ilusão apenas, filha do medo, pois a fera miou outra vez e o saci calculou pelo som que ainda deveria estar a cem metros dali. Pedrinho ajeitou-se como pôde numa forquilha da arvore, lá ficando quietinho ao lado do saci.

Ia finalmente ver uma fera sobre a qual vivia falando sem ter a respeito uma ideia justa. Ia ver a famosa onça pintada, esse gatão que muito lembra a pantera das matas da India.



## A onça

O miado souu de novo, desta vez bem perto, e logo depois surgiu por entre as folhas a cabeça de uma formidável onça pintada. Era um animal de extrema beleza, quasi tão grande como o tigre de Bengala. Parou; farejou o ar. Depois ergueu os olhos para a arvore. Dando com o menino e o saci lá em cima, soltou um rugido de satisfação, como quem diz: "Achei o meu jantar!" E tentou subir á arvore. Vendo que isso lhe era impossivel, sacudiu o tronco tão violentamente que por um triz Pedrinho não veio abaixo, como se fosse jaca madura. Mas não caiu, e a onça, desanimada, resolveu esperar que ele descesse. Sentou-se nas patas traseiras e ali ficou imovel, só movendo a cauda e passando de quando em quando a lingua pelos beiços.

— Ela é capaz de permanecer nessa posição tres dias e tres noites, disse o saci. Temos que inventar um meio de afugenta-la.

Olhou em redor, examinando as arvoreds como quem está com uma ideia na cabeça. Depois saltou para a mais proxima e foi de copa em copa até uma que estava cheia de grandes vagens. Escolheu meia duzia das mais secas e voltou para junto do menino.

— Apare nas mãos o pó que vou deixar cair destas vagens, disse ele, abrindo com os dentes uma delas.



Pedrinho estendeu as mãos em fôrma de cuia e o saci sacudiu dentro um pó amarelado.

— Bem. Agora derrame este pó bem a prumo, de modo que vá cair bem em cima da cara da onça.

Pedrinho colocou-se em linha vertical com a fera e derramou de um jacto o punhado de pó.

Foi uma beleza aquilo! Quando o pó caiu sobre os olhos da onça, ela deu tamanho pinote que foi parar a cinco metros de distancia, sumindo-se em seguida pelo mato a dentro, a urrar de dor e a esfregar os olhos como se quisesse arranca-los.

Pedrinho deu uma risada gostosa.

— Que diabo de pó é este, amigo saci? perguntou. Vejo que vale mais que uma boa carabina...

— Isto se chama pó-de-mico. Arde nos olhos como pimenta e dá na pele uma tal coceira que a vitima até se coçará com um ralo de ralar côco, se encontrar algum pelo caminho.

Pedrinho escorregou da arvore abaixo, ainda a rir-se da pobre onça. Mas não se riu por muito tempo. Mal tinha dado alguns passos, recuou espavorido.



## A sucuri

**U**M monstro! Acuda, saci! Um monstro com corpo de cobra e cabeça de boi!... gritou Pedrinho, trepando de novo no guarantã com velocidade ainda maior do que da primeira vez.

O saci foi ver o que era e voltou dizendo:

— E' uma sucuri que acaba de engulir um boi. Desça que não ha perigo. Ela está dormindo e dormirá assim dois ou tres meses até que o boi esteja digerido.

Apesar da confiança que o saci lhe merecia, o menino foi pulando de arvore em arvore para só descer a cem passos dali. Mas como a tentação de ver a sucuri fosse grande, foi voltando, voltando, até chegar em ponto de onde pudes-se observa-la á vontade.

Era das maiores que se poderiam encontrar, devendo ter pelo menos uns trinta metros de comprimento e a grossura da cabeça de um homem. Pedrinho não podia compreender como um boi inteiro pudesse caber dentro dela.

— Muito simples, explicou o saci. A sucuri enlaça o boi, quebra-lhe todos os ossos e amassa-o de tal maneira que o torna comprido como um chouriço. Depois cobre-lhe o corpo de uma baba muito lisa, e começa a enguli-lo lentamente. Vai indo, vai indo, até que dá com ele inteiro no

estomago; só ficam de fora a cabeça e os chifres. E leva meses assim, até que a digestão se complete. Quando está nesse estado, a sucuri não oferece perigo nenhum, porque fica inerte e caida em estado de sonolencia.

E não foi só essa cobra que Pedrinho conheceu naquele dia. Logo depois ouviu ruido seco de guizos e viu uma cascavel passar por ele, muito aflita, como que fugindo de algum inimigo.

— Que será que a está perseguindo? indagou ele.

— Alguma mussurana, respondeu o saci. As mussuranas são cobras sem veneno que só se alimentam de cobras venenosas. Lá vem uma!

De fato, uma mussurana de côr escura surgiu no rasto da cascavel, que foi alcançada logo adiante.

Luta terrível! Pedrinho nunca imaginou um tal espectáculo. A mussurana enleou-se na cascavel e as duas rebolaram no chão como minhocas loucas. Muito tempo estiveram assim. Finalmente a cascavel sucumbiu, sufocada, e a mussurana enguliu-a inteirinha, apesar de serem ambas do mesmo tamanho.

— Que horror! exclamou Pedrinho. A vida nesta floresta não tem sossego. Só agora compreendo por que os animais selvagens são tão ariscos. A vida deles corre um risco permanente, de modo que só escapam os que estão com todos os sentidos sempre alerta.

— E' o que os sabios chamam a luta pela vida. Uma criatura vive da outra. Um come o outro. Mas para que uma criatura possa comer outra, é preciso que seja mais forte — do contrario vai comer e sai comida.

— Mais forte só?

— Mais forte ou mais esperta. Aqui na mata todos procuram ser fortes. Os que não conseguem ser fortes, tratam de ser espertos. Na maior parte dos casos a esperteza vale mais do que a força. Os sacis, por exemplo, não são fortes — mas ninguém os vence em esperteza.



## A floresta

**P**OIS assim é, continuou o saci. A lei da floresta é a lei de quem pode mais — ou por ter mais força, ou por ser mais agil, ou por ser mais astuto. A astucia, principalmente, é uma grande coisa na floresta. Está vendo ali aquele galhinho seco?

— Sim. Um galhinho como outro qualquer, respondeu o menino.

— Pois está muito enganado, replicou o saci. Não é galho nenhum, sim um bichinho que finge de galho seco para não ser atacado pelos inimigos.

Pedrinho não quis acreditar, mas cotucando o galhinho viu que ele se mexia. Ficou assombrado da esperteza.

— Bem diz vóvó que a mata é perigosa! Um que não sabe ha de levar cada logro aqui...

— E aquilo? perguntou o saci apontando para uma folha. Que parece a você que aquilo é?

Pedrinho olhou; viu bem que era uma folha de arvore; mas como já estava ficando sabido nas traições da mata, piscou para o saci e disse:

— Desta vez não caio na esparrela. Parece que é uma folha, mas com certeza é outro bichinho que se disfarça em folha. E cotucou-a para ver se se mexia. A folha, porém, não se mexeu.

— E' folha mesmo, seu bobo, disse o saci dando uma risada. Inda é muito cedo para você "ler" a mata. Isto é livro

que só nós, que aqui nascemos e vivemos toda vida, somos capazes de interpretar. Um bobinho da cidade, como você, entende tanto da natureza como eu entendo de grego.

— Realmente, saci! Estou vendo que aqui na mata sou um perfeito bobinho. Mas deixe estar que ainda ficarei tão sabido como você.

— Sim, com o tempo e muita observação. Quem observa e estuda, acaba sabendo. Aqui, porém, nós não precisamos estudar. Nascemos sabendo. Temos o instinto de tudo. Qualquer desses bichinhos que você vê, mal sai dos casulos e já se mostra espertíssimo, não precisando dos conselhos dos pais. Bem consideradas as coisas, Pedrinho, parece que não ha animal mais estúpido e lerdo para aprender do que o homem, não acha?

O orgulho do menino ofendeu-se com aquela observação. Um miseravel saci a fazer pouco caso do rei dos animais! Era só o que faltava...

— O que você está dizendo, replicou Pedrinho, é tolice pura sem mistura. O homem é o rei dos animais. Só o homem tem inteligencia. Só ele sabe construir casas de todo o jeito, e maquinas, e pontes, e aeroplanos, e tudo quanto ha. Ah, o homem! Você não sabe que o homem é, saci! Era preciso que tivesse lido os livros que eu li em casa de vóvó...



## Discussão

O saci deu uma gargalhada.

— Que gabolice! exclamou. Casas? Qual é o bichinho que não constroi sua casa na perfeição? Veja a das abelhas, ou das formigas, ou os casulos. Poderão existir habitações mais perfeitas? Todos aqui na mata moram. Cada um inventa seu jeito de morar. Todos, portanto, têm suas casinhas, onde ficam muito mais bem abrigados do que os homens lá nas casas deles. O caramujo, esse então até inventou o sistema de carregar a casa às costas. E' o mais esperto. Vai andando. Assim que o perigo se aproxima, arreia a casa e mete-se dentro.

— Casa, vá lá, disse Pedrinho meio convencido. Mas aeroplano? Que bichinho daqui seria capaz de construir aviões como nós homens os construímos?

Outra risada do saci.

— Olhe, Pedrinho, você está-me saindo tão bobo que até me causa dó. Aviões! Pois não vê que o avião é a mais atrasada maquina de voar que existe no mundo? Aqui os bichinhos estão de tal modo adiantados que nenhum precisa de mostrengos como o tal avião. Todos possuem no corpo um aparelho de voar aperfeçoadissimo. Não vê que vôam, bobo? Outro dia assisti a uma cena muito interessante. Eu estava perto duma lagoa cheia de patos, quando um avião passou voando por cima das nossas cabeças. Os patos en-

treolharam-se e riram-se. Você, sabe, Pedrinho, que bicho estúpido é o pato. Pois mesmo assim um deles disse com muita sabedoria: “Parece incrível que os homens se gabem de ter inventado uma coisa que nós já usamos ha tantos milhares de anos...”

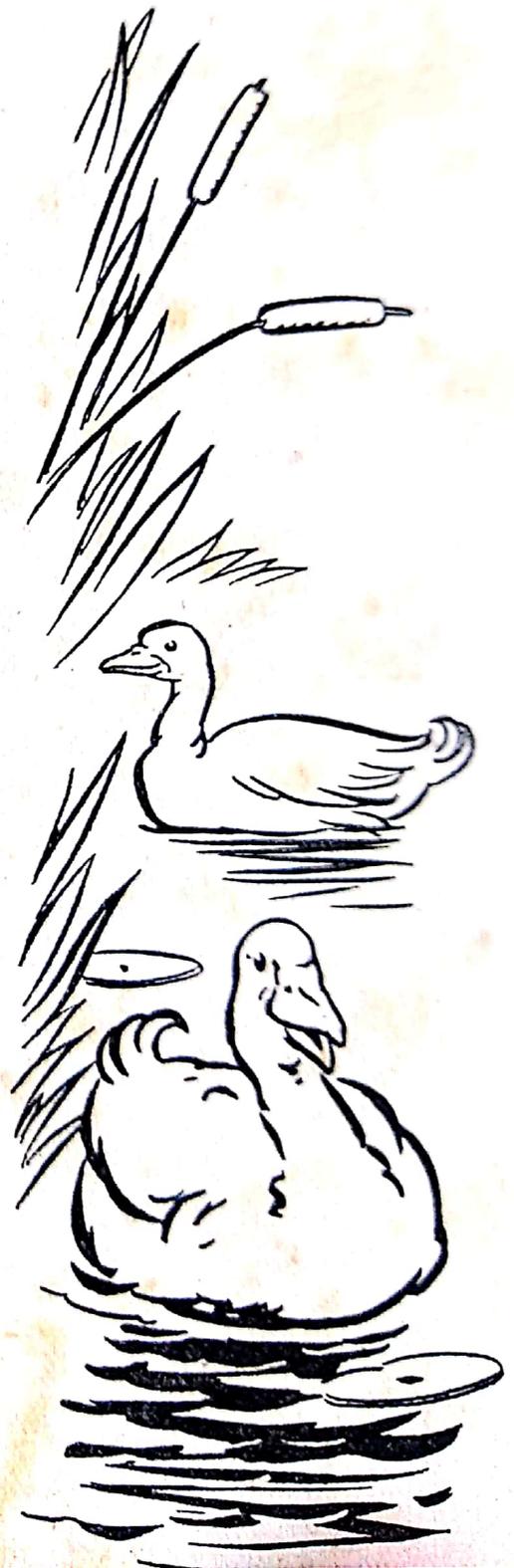
— Sim, continuou Pedrinho, mas nós sabemos ler e vocês não sabem.

— Ler! E para que serve ler? Se o homem é a mais estúpida de todas as criaturas, de que adianta saber ler? Que é ler? Ler é um jeito de saber o que os outros pensaram. Mas que adianta a um estúpido saber a estupidez que outro estúpido pensou?

Era de mais aquilo. Pedrinho encheu-se de colera.

— Não continue, saci! Você está me ofendendo. O homem não é nada do que você diz. O homem é a gloria da natureza.

— Gloria da natureza! repetiu o capetinha com ironia. Ou está repetindo como papagaio o que ou viu alguém falar, ou então você não raciocina. Inda ontem ouvi dona Benta ler num jornal os horrores da guerra na Europa. Basta que entre os homens haja isso que eles chamam guerra, para que sejam classificados como as criaturas mais estúpidas que existem. Para que guerra?



— E vocês aqui não usam guerras também? Não vivem a perseguir e comer uns aos outros?

— Sim; um comer o outro é a lei da vida. Cada criatura tem o direito de viver e para isso está autorizada a matar e comer o mais fraco. Mas vocês homens fazem guerra sem ser movidos pela fome. Matam o inimigo e não o comem. Está errado. A lei da vida manda que só se mate para comer. Matar por matar é crime. E só entre os homens existe isso de matar por matar — por esporte, por gloria, como eles dizem. Qual, Pedrinho, não se meta a defender o bicho homem, que você se estrepa. E trate de fazer como Peter Pan, que embirrou de não crescer para ficar sempre menino, porque não ha nada mais sem graça do que gente grande. Se todos os meninos do mundo fizessem grêve, como Peter Pan, e nenhum crescesse, a humanidade endireitaria. A vida lá entre os homens só vale enquanto vocês se conservam meninos. Depois que crescem, os homens viram uma calamidade, não acha? Só os homens grandes fazem guerra. Basta isso. Os meninos apenas brincam de guerra.

Pedrinho nada respondeu. Estava um tanto abalado pelas estranhas idéias do saci. Quando voltasse para casa iria consultar dona Benta para saber se era mesmo assim ou não.

## O jantar

O sol já estava descambando e o menino sentiu fome. Havia esquecido de trazer matalotagem.

— Amigo saci, estou sentindo uma coisa chamada fome. Mostre-me a sua habilidade em sair-se de todos os apuros, arranjando-me um jantar.

— Nada mais facil, respondeu o pernetinha. Gosta de palmito?

— Gosto, sim. Mas como poderemos derrubar uma palmeira tão alta para colher o palmito? Sem machado é impossível.

O saci deu uma risada.

— Não ha impossiveis para mim, quer ver? e metendo dois dedos na boca tirou um agudo assobio.

Imediatamente um enorme besourão, chamado serra-pau, surgiu do seio da floresta. O saci fez-lhe uns sinais e o besourão, voando para o alto duma palmeira de tronco fino mas muito alto, abarcou a base do palmito entre os seus ferrões dentados como um serrote e começou a girar com grande velocidade, zunindo como um aeroplano — *zunnnnn...*

Em menos de cinco minutos o tronco da palmeira estava serrado, e o palmito, acompanhado da copa, veio com grande estardalhaço ao chão.

— Bravos! exclamou o menino. Nunca imaginei que nesta mata houvesse serrador tão habil. Quero agora ver como você prepara o petisco.

— Muito facil, disse o saci. Fogo não falta. Tenho sempre fogo no meu pitinho. Panelas tambem não faltam. E' só procurar por aí alguma casca de tatú. Agua temos dentro dos gomos da taquara; basta rachar um ou dois. E para gordura é só quebrar uma porção de coquinhos e espremer entre duas pedras o oleo das amendoas.

— E sal?

— E' o mais dificil; mas como ha mel, você comerá palmito preparado sob forma de doce, que é ainda mais gostoso.

E assim foi feito. Em menos de vinte minutos estava diante de Pedrinho uma casca de tatú cheia de um doce de palmito muito bem preparado. O menino comeu a fartar e ainda teve uma sobremesa de frutas silvestres — bacuparis, grumixamas e amoras do mato, que o saci colheu pelas redondezas.

— Ha muito tempo que não como com tanto apetite! comentou Pedrinho depois que encheu o papo. Você é um cozinheiro ainda melhor que tia Nastacia, que é a primeira cozinheira do mundo.

E, dando tapinhas na barriga, pôs-se a palitar os dentes com um comprido espinho de brejauva.



A tarde ia morrendo. Não tardou que Pedrinho visse brilhar no ceu, por entre uma nesga aberta na copa das arvores, a primeira estrelinha.

Que coisa impressionante era a noite! Até aquele momento Pedrinho ainda não havia prestado atenção nisso. Noite em casa não é noite. Acende-se o lampião, fecha-se a porta da rua — e que é da noite?

Mas ali, oh, ali a noite era noite de verdade — das imensas, das completamente escuras, apenas com aqueles vagalumes parados no céu que os homens chamam estrelas...



## Novas discussões

**T**INHAM de esperar a meia-noite, pois só a essa hora os duendes da floresta saem de suas tócas. Para matar o tempo o saci começou a explicar a Pedrinho o que era a vida noturna das matas virgens.

— Você nunca poderá fazer ideia da vida encantada das florestas, disse ele. Porque a floresta tem duas vidas: uma os homens conhecem — a vida das plantas que a compõem e a vida dos animais que a povoam...

— Essa nós sabemos, afirmou Pedrinho com a presunção de quem já havia lido alguma coisa da Historia Natural. Tenho em casa varios livros que contam tudo.

— Tudo? repetiu o saci, dando uma risadinha. Os livros dos homens só contam um pedacinho. O que existe na floresta é tanto que não cabe nem num milhão de livros. Basta dizer que para cada inseto seria preciso um livro inteiro para contar toda a vidinha dele. Ora, quantos insetos diferentes ha na floresta? Milhões...

— Você, seu saci duma figa, gosta de fazer pouco na ciencia dos homens. Mas ao menos nós, homens, escrevemos tudo o que sabemos nos livros. Se vocês, sacis, fizessem o mesmo, então sim, poderiam criticar. Mas não fazem. São uns burrinhos analfabetos.

— Nós sabemos de tudo por adivinhação. Já nascemos sabendo e não temos necessidade de andar lendo em livros

coisas que os outros aprenderam. Porisso não temos, nem queremos ter livros. Mas cada vez que vejo dona Benta ler algum daqueles livros de que ela faz tanto caso, ponho-me a rir. Os homens, quando não sabem das coisas, vão inventando com o maior caradurismo.

— Sim, mas isso quando fazem romance. Quando escrevem livros de ciencia, é tudo ali direitinho como a realidade.



— A realidade! exclamou o saci sorrindo. Lá sabem eles o que é a realidade!... Você, por exemplo, que é um homenzinho, nem sabe o que é realidade.

— Sei, sim. Realidade é o que é.

— E que é o que é? perguntou o saci com uma carinha muito brejeira.

— Que pergunta tola! exclamou Pedrinho. Desde que o que é, é, não sei de maior bobagem do que perguntar que é o que é. Vóvó diz que perguntas assim se chamam “jogos de palavras”. Em vez de perdermos tempo com jogo de palavras, vamos ao que serve. Conte-me o que sabe da vida da floresta.

— Sei tanta coisa que o difícil é começar, respondeu o saci.

— Todas as coisas começam pelo principio, disse Pedrinho. Se você começar pelo principio, não terá dificuldade nenhuma em começar.

— Isso é fácil de dizer, replicou o saci, mas na realidade não ha começo nem fim de coisa nenhuma. Que é que você chama começo?

— Sabe do que mais, senhor saci? O senhor já está me aborrecendo com essa filosofia. Se continua assim, enfio-o na garrafa outra vez e nunca mais o solto. Conte o que sabe e não amole.

O saci estava de veia naquela noite, preferindo discutir a contar historias. Mas a ameaça de Pedrinho o fez mudar de tom. Deu um suspiro e começou.

— Ha uma coisa na floresta que os homens nem por sombras conhecem. E' a significação das coisas. Tudo aqui tem sua significação, e tudo é dirigido pelos duendes noturnos. Você, por exemplo, sabe que uma certa flor tem certo perfume e certa forma, mas não sabe por que motivo ela tem esse perfume e essa forma. Tambem não sabe por que umas plantas são venenosas e outras não, nem sabe por que as minhocas vivem dentro da terra em vez de viverem no galho das arvores, como as flores.

— Isso são modos de ser de cada criatura, disse Pedrinho. E' da natureza de cada uma.

O saci sorriu.

— Que ingenuidade e que presunção! Você criticou-me, mas está fazendo tambem um jogo de palavras. Ah, se fosse contar tudo quanto sei...

— Se eu fosse, uma figa, ouviu? Você prometeu e tem de contar tudo quanto sabe, senão...

— Escute, Pedrinho. Vou contar só o pedaço mais importante. Escute.

— Não precisa recomendar tantas vezes. Não sou surdo.

— Vou contar a historia de duas criaturas que nos trazem a todos aqui de canto chorado. Eu, por exemplo, que sou um coitadinho, passo os meus dias como joguete dessas criaturas, ora nas mãos de uma, ora nas mãos de outra.

— Conte logo e não amole.

O saci tossiu um pigarrinho e começou.



## A Iára e a Cuca

A vida na floresta é governada por duas rainhas, a Iára e a Cuca. A Iára, que é a rainha das aguas, vive em guerra com a Cuca, que é a rainha da terra. Essa luta vem desde o começo do mundo e ha de durar enquanto durar o mundo. E explica o que você observa na natureza, essa vida de luta permanente na qual nenhum ser, por maior ou por menor que seja, jamais tem sossego. Todos os viventes, quer sejam animais ou plantas, tomam o partido da Iára ou o partido da Cuca, de modo que viver, aqui na floresta, é fazer a politica de uma ou de outra rainha.

Ha mais embustes e traições nesta mata do que na cõrte de todos os reis da terra. Tudo está cheio de armadilhas. O perfume das flores, que parece coisa tão inocente, não passa de uma armadilha. A cõr, o brilho dos insetos, a penugem das aves, a forma e os costumes dos animais, tudo é armadilha ou artimanha de uma das rainhas para fazer mal ás criaturas do partido contrario.

A Iára tem do seu lado as coisas que vocês homens chamam belas — as flores de perfume agradavel, os lindos insetos, os animais de movimentos elegantes como a onça, as plantas sem espinho, as abelhas.

— Já sei, interrompeu Pedrinho. A Iára é a rainha de todas as coisas boas.

— Nada disso, contestou o saci. A Iára não é boa, nem má. E' indiferente. Só quer uma coisa: beleza. Tudo que tem beleza está com ela, embora seja mau, isso não importa. As flores venenosas estão do lado dela só porque têm beleza.

— E do lado da Cuca está tudo quanto é feio, não é assim? sugeriu Pedrinho.

— Isso mesmo. O partido da Cuca é o partido da feiura. Os sapos, os lagartos, os jacarés, as corujas, as borbole-



tas pretas, os insetos cascudos e de côres escuras, as palmeiras espinhentas, os vermes de pau podre, os pantanos de aguas verdes e gosmentas — e lá entre os homens as mulheres feias e malvadas, que batem nas crianças, as madrastas, os traidores, as “pestes”, em suma.

— Não sabia, disse Pedrinho, que nós homens também estávamos alistados nesses partidos.

— Estão, sim, sem o saber. Dona Benta, por exemplo, pertence ao partido da Iára, porque apesar de velha é muito “bela” de coração.

— E tia Nastacia?

— Também é bela por dentro, apesar da pretura de fora.

— E os sacis, de que partido são?

— Dos dois. Às vezes trabalhamos para a Iára, às vezes trabalhamos para a Cuca, conforme os interesses do momento. Somos “oportunistas”, disse ele fazendo a mais brejeira das carinhas.

— E você, pessoalmente? indagou Pedrinho.

— Eu sou da Iára desde que nasci. Nunca mudei. Implico-me com a Cuca. Tenho-lhe odio. Mas a senhora Iára nem sequer me conhece. Essas rainhas governam a gente sem dar a menor satisfação. Obrigam-nos a fazer isto ou aquilo sem dizer os motivos, de modo que vivemos aqui tal qual os homens vivem lá entre eles.

— Isso, não! protestou Pedrinho. Nós homens só fazemos o que queremos e sabemos o que queremos.

O saci deu uma risada gostosa.

— Bobagem, Pedrinho. Quando um rei de vocês manda milhares de homens para a guerra, esses coitados morrem mortes horríveis sem saber por que, nem como. Os pobres homens são joguetes dos reis do mesmo modo que nós aqui somos joguetes das duas rainhas. A gente pensa que sabe, mas não sabe nada. Homens e bichos somos todos uns idiotas.

Pedrinho ficou um tanto atrapalhado com aquela opinião, e sem coragem de protestar. Quem sabe se não era assim mesmo? Iria perguntar a dona Benta quando voltasse para casa.

— Os casos de encantamento que se dão entre os homens, continuou o saci, os que são virados em lobishomens ou em pedras ou em planta não passam de artimanhas das

nossas rainhas para fins que só elas sabem. Quando isso se dá entre vocês, ninguém explica o misterio; uns negam; outros afirmam; outros, chamados sabios, inventam teorias para explicar a coisa. Na verdade só a Iára ou a Cuca sabem a razão. Eu mesmo já fui mandado diversas vezes fazer mandingas entre os homens, sem conhecer nem por sombras quais as intenções de quem me mandava.



Pedrinho ficou pensativo. Ou aquilo era verdade e as coisas da natureza em vez de se tornarem claras no seu espirito ainda ficavam mais escuras, ou era mentira e o saci o estava bobeando da maneira mais cinica. O melhor, porém, era não esmiuçar coisa nenhuma, porque a embrulhada poderia ficar maior ainda. Porisso interrompeu ali aquela estranha prosa, não só por essa razão como tambem porque já devia estar prestes a soar a tremenda hora da meia-noite.

Soar era um modo de dizer, porque a meia-noite só sôa quando ha relógio de parede perto. Ali na floresta, como saber as horas? Pedrinho perguntou-o ao saci.

— Oh, facilimo, respondeu este. Temos na mata inumeros relógios vegetais. Lá está um, disse apontando para uma certa flor. Só abre á meia-noite. Está quasi toda aberta — quer dizer que a meia-noite está chegando. E' a hora dos grandes acontecimentos.

— Acha que iremos ver alguma coisa importante?

— Não *acho*; *sei* que vamos, respondeu o saci. Estamos bem no coração da floresta, ponto onde á meia-noite de todos os dias se reúnem os meus irmãos sacis, e ás vezes tambem lobishomens. Até a mula sem cabeça costuma passar por aqui a essa hora.



## Os filhos do medo

**M**AS Pedrinho começava a achar muito estranho tudo aquilo. Duendes, monstros, capetas... Estaria sonhando ou tais criaturas existiam de verdade?

— Ando desconfiado, amigo saci, de que tudo isto não passa de sonho, disse ele. E de sonho mau, ou pesadelo. Acho horríveis esses monstros...

— E' natural que sejam horríveis, respondeu o saci. O criador de todos eles chama-se *Medo*, e o medo jamais criou alguma coisa bela. Você sabe que é o medo, Pedrinho?

Pedrinho gabava-se de não ter medo de coisa nenhuma, exceto vespa. Mas não ter medo é uma coisa e saber o que é medo é outra. Pedrinho não tinha medo, mas sabia que o medo existe, porque diversas vezes o medo deu bôtes contra ele, para agarrá-lo.

— Sim, sei, respondeu. O medo vem da incerteza. Acho que a mãe do medo é a falta de certeza.

— E o pai do *Medo* é o *Escuro*, concluiu o saci. Enquanto houver escuro no mundo, haverá medo; e enquanto houver medo haverá monstros, como esses que você vai ver.

— Mas se a gente vê esses monstros, então é que eles existem mesmo, disse Pedrinho. O que a gente vê, existe.

— Existe para quem vê, não nego, respondeu o saci. Mas quem está nas unhas do medo vê coisas que ninguém mais vê. Porisso digo que esses monstros existem e não existem.

— Não entendo. Se existem, existem. Se não existem, não existem...

— Bobinho! Uma coisa só existe quando a gente acredita nela; e como uns acreditam e outros não acreditam, uma mesma coisa pode existir e não existir.

Aquela filosofia do saci começava a dar dor de cabeça no menino, que acabou dizendo.

— Chega. Não vim aqui para filosofar e sim para conhecer os segredos da floresta. Como ha muito medo no mundo, devem existir muitos filhos do medo que você ainda não me mostrou.

— Se ha! Os medrosos são os maiores criadores de coisas que existem. Não tem conta o que sai da imaginação deles. E nisso os antigos donos destas terras, os indios, e tambem os negros que vieram da Africa, foram mestres.

— Tio Barnabé, por exemplo, disse Pedrinho. E' um danado para saber coisas, com certeza, inventadas por ele mesmo. Mas conte algo do que os indios acreditam.

— Os indios, e depois os mestiços desses indios, criaram historias que não acabam mais. Conta-las todas seria impossivel. Vou apenas referir-me a algumas das suas crenças. Os indios eram filhos das selvas, e viviam em contacto direto com a natureza. Não usavam luz de noite nas choupanas, como vocês usam nas suas casas, e porisso tinham mais medo que os civilizados. Vou contar a historia do Cauré.

## O Cauré

O Cauré, explicou o saci, é um gaviãozinho escuro com manchas brancas nas asas, cabeça grande, olhos vivos como azougue. Para os indios simboliza a fortuna e a felicidade. Como é muito agil e ativo, consegue num instante tudo quanto quer. No tempo de fazer ninho o Cauré risca o espaço com meia duzia de vôos e já o ninho aparece pronto. Por causa disso os indios têm em grande estima uma palhinha qualquer tirada dos ninhos dessa ave. Conservam-na como amuleto. Nos mercados do Pará e do Amazonas ha sempre á venda tais amuletos, de grande procura entre o povo.

Quando solta o seu grito do alto de uma arvore, o Cauré espalha grande terror entre as outras aves. Todas estremecem e ficam imoveis, sem forças para fugir. Ele faz como a cobra: magnetiza as coitadinhas. Outros dizem que quando o Cauré dá o seu grito, os passaros que estão proximos sentem-se arrastados e dirigem-se para o lado dele, tontos e cegos. O Cauré perma-



nece imóvel, como se fosse de aço. Todos se chegam, cada vez com mais terror, e entregam-se ao seu bico afiado. O Cauré mata os que quer, deixando-os cair no chão. Depois desce da árvore e vem comer a cabeça e o coração das vítimas.

Esse poder de imã que exerce sobre as outras aves foi que tornou o tal gaviãozinho uma criatura de grande importância para os índios. Todos fazem grande empenho de possuir uma pena dele, ou um pedaço do seu ninho, certos de que essa pena ou esse pedaço de ninho também atrairá para o possuidor tudo quanto este desejar.

— E o Uirapurú? perguntou Pedrinho. Vovó já me falou desse tal Uirapurú, lá do Norte.

— E' outro passarinho que muito impressiona a imaginação dos índios.

— Dizem que é lindo.

— Lindo, não; mas sabe ser mais que lindo. Sabe ser encantador.

— Explique-me isso.



## O Uirapurú

O Uirapurú exerce uma atração fortíssima, mas de um modo diferente do Cauré. Este atrai pelo terror. O Uirapurú atrai pelo encanto. É um passaro bem pequeno, um pouco menor que o canario, que tem o dom de seduzir e enlevar todas as outras aves.

— Que pena não existir Uirapurús por aqui! murmurou Pedrinho. Dizem que só é encontrado nas matas da Amazonia.

— Sim, só lá, onde é considerado a maravilha da floresta. Feinho, o coitado, mas cantor sem igual. Assim que abre o bico e solta a sua musica, a floresta inteira pára. Animais de todos os tamanhos, sejam onças ou antas, aves, desde a arara até o beija-flor, e bichinhos — aranhas, formigas, carrapatos, tudo pára á escuta da musica sem igual.

— Que maravilha ha de ser esse passarinho feio! Com certeza onde ele anda os animais logo se juntam.

— Assim é. Onde está o Uirapurú, reunidos estão todos os bichos das redondezas; e como é assim, os homens, que na minha opinião são os bichos mais estupidos que existem, fazem ao pobre passarinho a maior das guerras.

— Guerra? Como guerra?!...

— Caçam os coitadinhos para transforma-los em amuletos. O Uirapurú, só porque canta assim dessa maneira

maravilhosa, está condenado a desaparecer. Já são bastante raros, e mais raros ainda ficarão. Ha caçadores que passam semanas inteiras nas matas perseguindo os tristes cantores, para lhes vender os corpinhos secos nos mercados...

— Não vale a pena possuir grandes dons, disse Pedrinho pensativo. Eu, se fosse passarinho, queria ser tico-tico. E' feio, não canta — e porisso vive sossegado. Nenhum caçador faz caso dele.

— E' verdade isso. Todas as criaturas belas são perseguidas; os beija-flores, para enfeite dos chapéus das mulheres; os tucanos, por causa das lindas penas. Mas aos bichos horrendos os homens deixam em paz.

— Os urubús, por exemplo.

— Sim. Quem caça urubú, essa fedorenta ave? Ninguém. Eles são protegidos justamente por serem nojentos.

— E o Urutáu? Por falar em urubú me lembrei do Urutáu. Um *u* puxa outro. Que me conta do Urutáu?



## O urutáu

**E'** uma ave noturna que geme uns gemidos tão lamentosos que não ha quem não se impressione. Tem a cabeça larga e chata, olhos vivos e a maior boca que se conhece, boca que se abre até aos olhos.

De côr parda, com pequenas listas mais escuras. A côr das suas penas permite que de tal maneira o Urutáu se confunda com a casca do galho onde pousa, que se torna muito difficil de ser caçado. Mas quando o caçador o percebe, então nada mais facil, porque o Urutáu nunca se defende dos tiros. Deixa que o caçador se aproxime e durma na pontaria. E se o primeiro tiro erra, ele não foge. Apenas encolhe-se, continuando quietinho no mesmo lugar.

— Que exquisitice! exclamou Pedrinho. Mas que outras coisas faz ele?

— Nada. O coitado não faz nada. Toda a fama lhe vem do seu canto triste. Tão triste e plangente é esse canto, que transtorna a cabeça dos que o ouvem. Cria o medo — e o medo por sua vez cria uma porção de coisas. Uns dizem que o Urutáu é alma



penada duma criatura que morreu na forca; outros dizem que é a encarnação dum grande criminoso que está pagando um grande crime.

Os indios acreditam que se a gente cortar as asas e quebrar as pernas de um Urutáu durante a noite, no dia seguinte ele amanhece perfeito. Acreditam ainda que quem arremeda o canto do Urutáu morre queimado dentro de tres dias. Outros afirmam que tudo o que uma pessoa escreve com uma pena de Urutáu se realiza infalivelmente.

— E é verdade isso?

— E' para os que acreditam, e não é para os que não acreditam. Tudo na vida é assim, e portanto tudo na vida é ao mesmo tempo verdade e mentira.

— Chega de filosofia e de Urutáu, disse Pedrinho. Conte agora alguma coisa do Jurupari.



## O Jurupari

**E**STE é um diabo dos índios. É' espirito mau que aparece nos sonhos e provoca pesadelos horriveis. Insomnia, mal estar, falta de tranquilidade, todas essas coisas desagradaveis são artes do Jurupari.

— Mas como é ele?

— Um espirito. Não tem forma. Um espirito mau que se diverte em agarrar os que estão dormindo e causar-lhes horriveis pesadelos; e como segura as vitimas pela garganta, elas não podem gritar.

— Oh, já tive um pesadelo assim! Ia caindo num buracão enorme. Quis gritar por vóvó, mas foi inutil. A voz não saía...

— Era um Jurupari que estava atormentando você, explicou o saci — e ia continuar quando parou. Um ruido entre as folhas despertara a sua atenção.

— *Psshut!* exclamou ele em voz baixa, segurando o braço de Pedrinho. Vem por aí qualquer coisa...

O menino ficou imovel, com o coração a bater apressadamente, apesar da sua valentia.

Era um Curupira que chegava.

— Veja! disse o saci ao ouvido de Pedrinho. Tem cabelos vermelhos e pés virados para trás...

— Parece um menino peludo...



— Sim, e é mesmo um menino peludo que toma conta da caça nas florestas. Só admite que os caçadores cacem a caça de que precisam para comer. Aos que matam por matar, por malvadez, e aos que matam fêmeas com ninhadas que ainda não podem viver por si, o Curupira persegue sem dó.

— Bem feito! Mas como os persegue?

— De mil maneiras. Uma delas é disfarçar-se em caça e ir iludindo o caçador até que ele se perca no mato e lá morra de fome. Outra é transformar em caça os amigos, filhos ou a mulher do caçador, de modo que sejam mortos por ele. Esse que vai passando está a pé; mas em regra o Curupira anda montado num veado e traz nas mãos uma vara de japecanga, sempre acompanhado dum cachorro de nome Papamel. Quando avista um caminhante na estrada começa logo a cantar:

*Currupaco papaco*  
*Currupaco papaco*

— Isso é cantiga de papagaio! disse Pedrinho, lembrando-se de varios papagaios que sabiam essa cantiga.

— Sim, cantiga que o Curupira ensinou aos papagaios, porque o papagaio, como você sabe, não inventa cantigas, apenas repete as que ouve.

Mas o Curupira, com os seus pés voltados para trás, não se demorou muito por ali. Descobriu um rasto de paca e lá foi, para ver como ia ela passando lá na sua tóca.

Quanta coisa estou aprendendo nesta mata! exclamou Pedrinho. E' um verdadeiro livro aberto...

— E muitas mais irá aprender. O que estou mostrando é o que em geral anda escondido, ou é invisível para a maioria das criaturas. Quer conhecer mais alguns seres desse genero?

— Quero, sim. Quero conhecer a Iára e o Boitatá.



## O Boitatá

**P**OIS vai ver esses dois também, não tenha pressa, disse o saci.

— Mas antes disso, explique-me o que é o tal Boitatá.

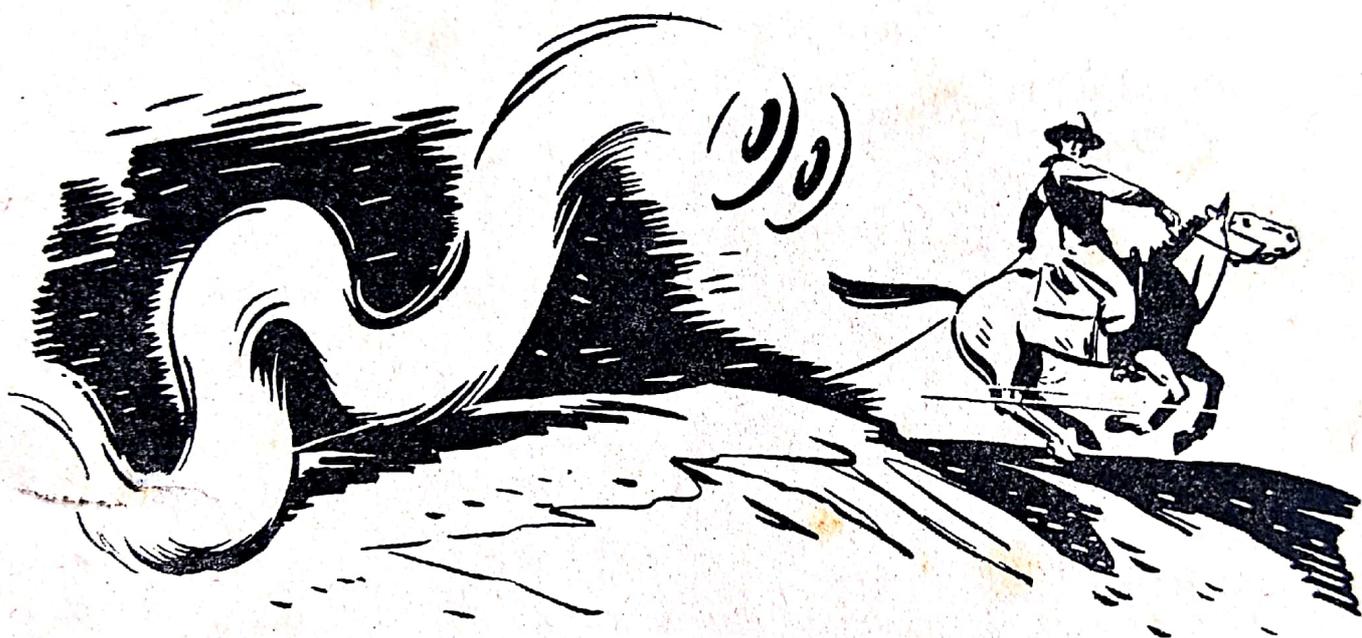
— Coisa difícil! respondeu o saci. Ha muitas explicações, de modo que você deve escolher uma ou outra.

— Diga uma.

— Vou contar o que corre no Rio Grande do Sul a respeito do Boitatá. Dizem, lá na campanha desse estado, que o Boitatá é um duende de enormes olhos de fogo. Nem tem corpo, quasi; só olhos. De noite vê tudo; de dia não enxerga nada. Certa vez em que houve um diluvio e as aguas cobriram os campos, o Boitatá subiu ao ponto mais alto que encontrou. Ali se meteu a fazer um buraco muito fundo, no qual se introduziu e se escondeu, muito bem escondido, durante todo o tempo do diluvio, isso por anos e anos. Por causa dessa vida de anos e anos no buraco escuro, os olhos do Boitatá foram crescendo até ficarem do tamanho que são hoje. E não somente cresceram em tamanho como aumentaram de brilho. O Boitatá, por assim dizer, ficou só olhos. Esses olhos, depois que o diluvio cessou, deixaram o buraco e vieram para o mundo, onde costumam passear pelos campos onde ha carniça de animais mortos. E' o que dizem os gauchos lá do sul.

Outros contam a coisa um pouco diferente. Dizem que o Boitatá é um fogo volante que ás vezes toma a forma de

cobra e outras vezes a forma de passaro. Sob estas formas voa na frente dos cavaleiros que fazem caminhadas durante a noite, atrasando-lhes a viagem. Dizem que esse fogo volante se deixa atrair pelo ferro. E então o meio de livrar-se dele consiste em desatar o laço que os gauchos costumam trazer consigo e deixar que ele se estenda pelo chão. Como a argola do laço é de ferro, o Boitatá sente-se atraído e vai seguindo o cavaleiro.



— Oh! exclamou Pedrinho, já sei donde vem esse Boitatá. Vóvó me explicou tudo. Chama-se fogo-fatuo e é emanção do fosforo que ha nos cadaveres em decomposição. Porisso a gente do campo só vê o Boitatá perto das carniças.

— Seja lá o que for, disse o saci, o fato é que não ha gaucho lá no Sul que não conte mil coisas do Boitatá.

— Por falar em Sul, sabe você a historia do Negrinho do Pastorejo? Com certeza ha de ser uma especie de saci lá do Rio Grande.

— Não. E' muito diferente. Esse negrinho foi um martir apenas. Sofreu os maiores horrores de um senhor cruel e depois que morreu virou santinho. Hoje não ha por lá casa de gaúcho onde o moleque martirizado não represente um papel muito importante — exatamente como nós, os sacis, representamos por cá.

— Mas conte lá a historia desse negrinho.

E o saci contou:



## O negrinho

**H**AVIA um fazendeiro, ou estancieiro, como se diz lá no Sul, que era muito mau para os escravos — isso foi no tempo em que havia escravidão neste país. Uma vez comprou uma ponta de novilhos para engordar em seus pastos. Era inverno, um dos peores invernos que por lá houve, de tanto frio que fazia.

— “Negrinho, disse o estancieiro para um molecote da fazenda, que andava ali pelo terreiro. Estes novilhos precisam acostumar-se nos meus pastos, porisso você vai tomar conta deles. Todas as tardes tem de tocar a ponta inteira para o curral, onde dormirão fechados, depois de contados por mim. Tome muito tento, hein? Se faltar na contagem um só que seja, você me paga.

O pobre molecote só tinha quatorze anos de idade; mesmo assim não teve remedio senão ir para o campo tomar conta do gado. Era gado arisco, ainda não querenciado naquela fazenda, de modo que, para começar, logo no primeiro dia um dos novilhos faltou na contagem.

O estancieiro não quis saber de explicações. Vendo que o numero não estava certo, botou o cavalo em que estava montado para cima do negrinho e deu-lhe uma tremenda sova de chicote. Depois disse:

— “E agora é ir procurar o novilho que falta. Se não me der conta dele, eu dou conta de você, seu grandississimo patife!”

E *lept!* outra lambada por despedida.

O moleque, com as costas toda lanhada e em sangue, montou no seu cavalinho e saiu pelos campos atrás do novilho. Depois de muito procurar encontrou por fim o fujão, escondido numa moita.

— “E agora?” pensou consigo. “Tenho de laçar este novilho, mas meu laço está que não vale nada, de tão velho, e eu estou tão escangalhado pela sova que ainda valho menos que o laço. Mas não ha remedio. Tenho que ir até o fim...”

E, aproximando-se com muito jeito, laçou o novilho.

Se fosse só laçar, estaria tudo muito bem. Mas tinha de trazer o boizinho por diante, até o curral. Teria ele forças para isso? O laço aguentaria?

Não aguentou. Com meia duzia de sacões o novilho desembaraçou-se do laço, arrebentando-o, e lá se foi pelos campos afora, na volada.

E agora? Voltar para casa, sem novilho e sem laço? O furor do estancieiro iria explodir como bomba.

Voltou.

— “Que é do novilho?” indagou o patrão assim que o negrinho apareceu no terreiro.

— “Escapou, patrão. Lacei ele, mas o laço estava podre e não aguentou, como sinhô pode ver por este pedaço”.

Se o estancieiro não fosse um monstro de maldade, convencer-se-ia logo, vendo a ponta do laço, de que o negrinho andara direito. Quando o laço arrebenta, a culpa da presa escapar não é do laçador, sim do laço. Não pode haver nada mais claro no mundo. Mas o estancieiro, que tinha comido cobra naquele dia, em vez de dar-se por convencido mais co-lerico ainda ficou.

— “Cachorro! exclamou espumando de raiva. Você vai ter o castigo que merece”.

O dito, o feito. Agarrou o negrinho, amarrou-o pelos pés com a ponta do laço e depois de bater nele com o cabo do relho até cansar, teve uma ideia diabolica: bota-lo num formigueiro para ser devorado vivo pelas formigas.

Assim fez. Arrastou-o para um sitio onde existia um enorme formigueiro de formigas carnivoras, arrancou as roupas do coitadinho e deixou-o amarrado lá.

No dia seguinte foi ver a vitima, com a ideia de continuar o castigo, caso o grande criminoso não estivesse morto e bem morto. Chegando ao formigueiro, levou um grande susto. Em vez do negrinho viu uma nuvem que se erguia da terra e logo se sumiu nos ares.

A noticia desse acontecimento correu mundo. Os homens daquelas bandas começaram a considerar o negrinho como um martir que tinha ido direito para o ceu.

Com o tempo virou um verdadeiro santo. Quem quer qualquer coisa, na campanha do Rio Grande, antes de pedi-la a Santo Antonio ou a outro santo qualquer, pede logo ao Negrinho do Pastorejo.

— E ele faz?

— Está claro que faz — sempre que pode. Como sofreu muito, sabe avaliar os apertos dos outros e ajuda-os no mais possível.



## Meia-noite

NESSE ponto da prosa a flor que servia de relógio ao saci abriu-se toda.

— E' hora! exclamou o saci. Estamos justamente no meio da noite.

Apesar de valente, Pedrinho não deixou de sentir um certo arrepio pelo corpo. Primeira vez na vida em que ia passar uma noite inteira na mata — e não seria uma noite comum, pelo que dizia o saci.

— Não se arreceie de coisa nenhuma. Deixe tudo por minha conta, que nada de mal ha de acontecer, disse o saci, correndo os olhos em redor como em procura de alguma coisa. Venha comigo. Ha ali uma peroba minha conhecida, onde encontraremos o melhor dos refugios.

De fato. Na tal peroba havia um oco a doze pés acima do chão, muito proprio para esconderijo. Dentro dele os dois acomodaram-se á vontade e de modo a tudo poderem ver do que se passasse fora sem perigo de serem vistos.

— Muito bem, disse o menino, mas só quero saber como poderei enxergar qualquer coisa de noite, dentro desta floresta que de dia já é tão escura.

— Para tudo ha remedio, foi a resposta do saci. Espalharei pelas arvores vizinhas centenaes de lanternas vivas, de modo que você enxergará como se fosse dia. Mas antes

é preciso que você coma estas sete frutinhas vermelhas, concluiu apresentando ao menino um punhado de frutinhas do tamanho de amoras bravas.

Pedrinho desconhecia essas frutas e foi com uma careta que mordeu a primeira, tão amarga era ela. Mas comeu as sete, e logo em seguida sentiu uma deliciosa tonteira invadir-lhe o corpo, deixando-o num exquisito estado de consciência jamais sentido. Era como se estivesse *dormindo acordado*.

Enquanto isso, o saci repetiu em tom diferente o assobio com que chamara o serra-pau; mas dessa vez não veio serra-pau nenhum, sim uma enorme quantidade de vagalumes, dos grandes e dos pequenos. Vieram e foram pousando nas folhas e galhos das arvores vizinhas, como se algum invisível guia lhes estivesse a indicar os lugares. O coração da floresta clareou num círculo de cem metros de diametro, como se fosse batido pelo luar da lua cheia.

Pedrinho estava a gozar o espetáculo da floresta iluminada pelas lanterninhas vivas, quando surgiu na clareira o primeiro saci. E logo outro, e outro, e todo um bando de mais de cem. Começaram a pular, a dansar e a conversar numa linguagem que o menino muito sentiu não entender.

— Estão combinando as travessuras que vão fazer durante a noite. Daqui a pouco todos partem, só ficando os pequeninos que ainda não podem correr mundo, explicou o saci, cochichando-lhe ao ouvido.

Pedrinho enxergou um de cara chamuscada — com certeza o que fora vítima da explosão do pito do tio Barnabé. Mas os sacis foram se dispersando, de modo que ao cabo de alguns minutos só se viam por ali os pequeninos como camondongos.

- Para onde foram? perguntou Pedrinho.
- Oh, eles espalham-se por toda a parte. Ainda está por haver um lugarzinho onde um saci não entre.
- Até nas garrafas... disse o menino, sorrindo.



## Saída dos sacis

**N**EM em sonhos Pedrinho jamais esperou que pudesse observar um quadro mais curioso. Aqueles minúsculos capetinhas eram as mais travessas e irrequietas criaturas que se possam imaginar. Não paravam um só instante. Cabriolavam nos musgos do chão, pulavam como pulgas, dansavam, inventavam mil travessuras. E tudo faziam sem por um só instante tirarem os pitinhos da boca.

Deram-se cenas muito engraçadas. Tres deles ficaram muito atentos, de narizinho para o ar, observando um morcego que despreocupadamente comia frutinhas de uma enorme figueira. Depois de cochicharem entre si, treparam á figueira, com todas as cautelas para não assustar o morcego. Foram por trás dele e, de repente — *zás!*... pularam-lhe ao lombo, como perfeitos cow-boys! O morcego levou um grande susto e começou a corcovear no ar, em vôos tontos, enquanto os tres cavaleiros, firmes na sela como carrapatos, davam assobios agudissimos, num grande contentamento.

Outro havia trepado a um arbusto e descoberto um ninho de beijaflor com tres ovinhos. Imediatamente deu brado de alarma, chamando os companheiros. Reuniu-se um bando em redor do ninho, cujos ovos foram retirados e levados para o chão. Lá acenderam uma minúscula fogueirinha e assaram os ovos e os comeram com grande alegria e gulodice.



## A mula sem cabeça

**A** mula sem cabeça! Pedrinho estremeceu. Nenhum duende das florestas o apavorava mais que esse estranho e incompreensível monstro, *a mula sem cabeça que vomita fogo pelas ventas!* Muitas historias a seu respeito tinha ouvido aos caboclos do sertão e aos negros velhos, embora dona Benta vivesse dizendo que tudo não passava de crendice.

A galopada aproximava-se; já se ouvia o estalar dos arbustos que em seu desenfreado galopar a mula sem cabeça vinha quebrando. Subito, parou.

— Vai mudar de rumo! murmurou o saci com cara mais alegre.

E de fato foi assim. A mula retomou a galopada mas em outra direção, e embora passasse por perto não chegou ao alcance dos olhos do menino.

— Que pena! exclamou ele. Tanta vontade que eu tinha de conhecer esse monstro...

— Que pena? repetiu o saci. Que felicidade, deve você dizer! A mula sem cabeça é o mais sinistro duende que ha no mundo; tem o dom de transtornar a razão de todos que a vêm. Por isso é que tive medo — não por mim, mas por você...

— Mas qual é a origem dessa mula?

um perfeito lobo, embora de dimensões muito mais avantajadas.

Assim que o lobishomem deixou a clareira, o menino respirou um Ah! de alívio e pediu ao saci que lhe contasse alguma coisa desses monstros.

— Dizem, respondeu o saci, que quando uma mulher tem sete filhos machos, o sétimo vira lobishomem na noite das sextas-feiras. Sai então pelos campos, invade os galinheiros (onde come um produto das galinhas que não é o ovo) e também assalta e devora os cães e crianças que encontra pelo caminho. Se alguém ataca um lobishomem e corta-lhe uma das patas, ele vira imediatamente no homem que é — e esse homem fica aleijado por toda a vida do membro correspondente á pata cortada.

Pedrinho não resistiu á tentação de ver de perto as pegadas do monstro, e apesar das advertências do saci saiu do oco para examina-las á luz de um vagalume. Mas não teve tempo. Assim que saiu do oco, ouviu um estranho rumor ao longe, seguido do agudo assobio do saci chamando-o. Voltou precipitadamente.

— Que ha? indagou.

O saci, que também parecia amedrontado, puxou-o bem para o fundo do esconderijo, murmurando:

— A mula sem cabeça!

## Má§ noticias

**P**ARECE que a mula sem cabeça tem a propriedade de afugentar os outros duendes da floresta, porque depois da sua passagem tudo por ali ficou deserto de seres. Só uma hora mais tarde é que os sacizinhos foram reaparecendo, um por um e ainda ressabiados. Mas reapareceram todos, afinal, e recommçaram as travessuras, apenas interrompidas pela passagem da Porca dos Sete Leitões e do Capora.

A Porca dos Sete Leitões, é uma misteriosa porca alva como paina, que passeia acompanhada dos seus sete leitõezinhos, fossando o chão em procura de um anel enterrado. Só quando achar esse anel poderá quebrar o encanto e virar na baronesa que já foi. Por suas maldades no tempo em que havia escravos, um feiticeiro negro transformou-a em porca e virou seus sete filhos em leitões.

O Capora é um duende peludo, meio homem, meio mono, que costuma cavalgar os porcos do mato e deter os viajantes para exigir fumo.

Aquele que por ali passou vinha montado num soberbo queixada de enormes presas salientes, tão corpulento e forte que para passar nem se desviava das pequenas arvores — ia derrubando-as.

Nisto um pio de coruja fez-se ouvir perto. O saci apurou os ouvidos, com cara de quem não estava gostando nada daquilo.

— Uma historia muito velha. (Dizem que antigamente houve um rei cuja esposa tinha o misterioso habito de passear certas noites pelo cemiterio, não consentindo que ninguém a acompanhasse. O rei incomodou-se com isso e certa noite resolveu segui-la sem que ela o percebesse. E lá no cemiterio deu com uma coisa horrenda: a rainha estava comendo o cadaver de uma criança enterrada na vespera e que por suas proprias mãos, cheias de aneis, ela desenterrara!) O rei deu um grito. Vendo-se pilhada, a rainha deu outro grito ainda maior — e imediatamente virou nessa mula sem cabeça, que desde aquele momento nunca mais parou de galopar pelo mundo, sempre vomitando fogo pelas ventas.

E foi assim que Pedrinho perdeu a unica oportunidade que teve de ficar conhecendo pessoalmente o estranho monstro que tanto impressiona a imaginação dos nossos sertanejos.

Ela corre sem cessar, espalhando a loucura por onde passa. Não existe criatura, seja bicho do mato ou gente, que não prefira ver o diabo em pessoa a ver a tal mula sem cabeça. E' horrenda!

— Mas como será que vomita fogo pelas ventas, se as ventas estão na cabeça e ela não tem cabeça?

— Tambem não entendo; mas é assim, disse o saci.

## Más noticias

**P**ARECE que a mula sem cabeça tem a propriedade de afugentar os outros duendes da floresta, porque depois da sua passagem tudo por ali ficou deserto de seres. Só uma hora mais tarde é que os sacizinhos foram reaparecendo, um por um e ainda ressabiados. Mas reapareceram todos, afinal, e recomeçaram as travessuras, apenas interrompidas pela passagem da Porca dos Sete Leitões e do Capora.

A Porca dos Sete Leitões, é uma misteriosa porca alva como paina, que passeia acompanhada dos seus sete leitõezinhos, fossando o chão em procura de um anel enterrado. Só quando achar esse anel poderá quebrar o encanto e virar na baronesa que já foi. Por suas maldades no tempo em que havia escravos, um feiticeiro negro transformou-a em porca e virou seus sete filhos em leitões.

O Capora é um duende peludo, meio homem, meio mono, que costuma cavalgar os porcos do mato e deter os viajantes para exigir fumo.

Aquele que por ali passou vinha montado num soberbo queixada de enormes presas salientes, tão corpulento e forte que para passar nem se desviava das pequenas arvores — ia derrubando-as.

Nisto um pio de coruja fez-se ouvir perto. O saci apurou os ouvidos, com cara de quem não estava gostando nada daquilo.

— Aquela coruja está me chamando. Está dando sinal de que aconteceu qualquer coisa lá no sitio de dona Benta. Tenho de ir ver o que é.

— E vai deixar-me sozinho aqui? murmurou o menino de dentro do seu esconderijo, procurando dominar o medo que ia chegando. Com o saci ao lado, sentia-se seguro; mas ficar, por minutos que fosse, entregue a si proprio, naquela mata cheia de misterios e inda mais naquela hora sinistra



da meia-noite, era duro de roer. Pedrinho, entretanto, dominou-se e disse, fazendo das tripas o coração:

— Pois vá, mas não se demore muito porque... porque gosto muito da sua prosa, ouviu?

Dando uma risadinha de quem compreendia perfeitamente o que se passava dentro do seu companheiro, o saci foi falar com a coruja.

Minutos depois regressou, visivelmente inquieto. Percebendo a mudança, Pedrinho indagou ansioso:

— Que ha?

— Coisa muito grave. Quando saí do sitio de dona Benta, deixei lá uma coruja, que é minha escrava, com ordem de avisar-me de qualquer coisa fora do comum que acontecesse. Pois bem: a coruja acaba de chegar com uma noticia nada agradável.

— Que é? Diga logo...

— A Cuca appareceu no sitio e furtou Narizinho...

— Não diga! exclamou o menino, com os cabelos arrepiados. Temos que salva-la, saci! Darei tudo quanto você quiser, se me ensinar o meio de arrancar Narizinho das unhas desse horrendo monstro...

A Cuca! Pedrinho ainda tinha bem fresca na memoria a lembrança dessa bruxa das historias que a ama lhe contara nos primeiros anos de sua vidinha. Lembrava-se até duns versos que ela cantava para adormece-lo:

*Durma, nenê, que a Cuca já lá vem,  
Papai está na roça; mamãezinha,  
No Belém.*

Lembrava-se que ouvindo essa cantiga sentia uma ponta de medo e fechava os olhos e logo dormia. Depois que cresceu, nunca mais ouviu falar na Cuca, a não ser minutos antes, quando o saci lhe contou que a Cuca era a Rainha das Coisas Feias. Seria verdade? Verdade ou não, tinha de voltar ao sitio incontinenti e de qualquer maneira.

— Vamos embora, saci! Precisamos chegar ao sitio quanto antes para saber com certeza o que ha. Pode ser que a coruja esteja mentindo, mas tambem pode ser verdade.

— Mentira não é, disse o saci. Minha coruja não mente. Mas pode ser que a menina tenha sido raptada por outro duende, que não a Cuca. E' o ponto que temos de verificar.

— E se for a Cuca mesmo? Que havemos de fazer?

— Não sei. Tenho de pensar nisso. A Cuca é bastante poderosa, e má como ela só. Mas havemos de dar um jeito. Tenho cá uma ideia. Venha comigo.

Sairam do oco da peroba e tomaram o caminho do sitio de dona Benta. A escuridão da noite não embaraçava em nada ao saci, que, como filho das trevas, enxergava no escuro ainda melhor do que no claro. Mas o pobre Pedrinho padeceu um bocado. Só podia guiar-se pela brasa do cachimbo do saci, de modo que tropeçou em muito cipó e toco de pau podre, afundando os pés em formigueiros e buracos de tatú, espinhando-se na cara e nos braços. Mas era tal a sua ansia de chegar, que nem sequer a dor das arranhaduras sentiu.

— Neste andar chegaremos tarde, disse de repente o saci. Se você é bom cavaleiro, poderemos ir montados num porco do mato.

— Sou. Já montei até num garrote bem taludo, que deu os maiores corcovos do mundo sem conseguir derrubar-me.

— Pois nesse caso, tudo está resolvido. Lá vem em nossa direção uma vara de porcos. Suba a esta arvore; assim que eu der sinal, atire-se de perna aberta para cima do lombo do que vem na frente. Eu irei na garupa.

Assim fizeram. Subiram os dois a uma arvore baixa; logo que o porco chefe passou por debaixo da arvore, Pedrinho e o saci atiraram-se sobre ele, agarrando-se aos compridos pelos do congote. Assustado com aquela manobra, o pobre porco disparou numa galopada louca pela mata

afora, na direção desejada pelo saci. Este habilíssimo duendezinho tinha jeitos para tudo, inclusive dirigir porcos do mato como se os trouxesse seguros por um bom par de re-deas. Pedrinho não percebeu de que modo o saci conseguia isso, nem teve tempo de o perguntar. Todas as suas energias eram poucas para manter-se firme no lombo da cavalgadura de nova espécie. Aquela corrida com o saci, dentro da noite, iria constituir a mais arrojada aventura da sua vida. Por mais anos que se passassem, ele jamais poderia esquecer-se dela.





## XXVII

### Chegam ao sitio

**D**EPOIS de comprida caminhada, o menino percebeu que já estava em terras do sitio. Viu a casa do tio Barnabé perto da ponte; em seguida, os pastos; e, finalmente, a casa da sua querida vóvó.

No terreiro saltaram ambos do porco, que, aliviado da carga, prosseguiu na correria com maior velocidade ainda.

Entraram. A casa estava silenciosa, de luzes acesas — coisa muito exquisita áquela hora da madrugada.

— Temos novidade, murmurou o menino. Luz acesa a estas horas é mau sinal...

Na sala de jantar encontrou dona Benta sentada na sua cadeirinha, com a cabeça apoiada nas mãos. Ao lado dela, tia Nastacia, escarrapachada no chão. De tal modo

absorvidas estavam as duas velhas, que nenhuma percebeu a chegada dos valentes salvadores.

— Que ha, vóvó? foi gritando Pedrinho.

Dona Benta ergueu a cabeça e arregalou os olhos, como se a aparição de Pedrinho fosse um sonho. Tia Nastacia fez o mesmo, mais assustada do que admirada de ver o menino outra vez.

— Pedrinho! exclamou a pobre avó com expressão de esperança nos olhos vermelhos de tanto chorar. Até que enfim você apareceu! Estavamos aqui desesperadas, porque perder um neto já era demais, mas perder dois seria coisa superior às nossas forças...

— Perder dois? Quer dizer que Narizinho desapareceu?

— Sim, meu filho! Logo que você se sumiu desta casa da maneira mais misteriosa, nada dizendo a ninguem, Narizinho saiu a dar uma volta pelos pastos para ver se encontrava você. Andou por lá gritando: "Pedrinho! Pedrinho!" uma porção de tempo, até que de repente se calou. Julgamos que tivesse achado você e ficamos muito contentes. Mas o tempo foi passando e nada de Narizinho voltar. Tia Nastacia e eu demos uma volta pelo pasto, chegamos até á casa do tio Barnabé e nada. Isso ás tres horas da tarde. Já são duas da madrugada e não tivemos ainda menor indicio de onde possa estar a coitadinha da minha querida neta...

Dizendo isto dona Benta rompeu de novo em choro, acompanhada de tia Nastacia.

Pedrinho contou onde estivera e, depois de consultar em segredo o saci, consolou dona Benta e a preta, dizendo que sabiam onde Narizinho estava e que iriam busca-la.

— E' verdade isso ou você está me bobeando para me consolar?

Pedrinho, que nunca mentia, sentiu tanto dó das pobres velhas que pela primeira vez na vida resolveu enganar-las com uma mentira de bom tamanho. Deu uma risada e disse:

— Não se assuste, vóvó! Narizinho e eu resolvemos pregar uma grande peça na senhora, mas essa peça é um segredo que não posso contar. Só amanhã, ao clarear do dia — e deu uma grande risada.

Dona Benta sossegou um pouco e ralhou severamente com o menino, fazendo ver o transtorno que aquela estranha "surpresa" lhe causara. Disse que sofria do coração e que, se coisas assim se repetissem, o certo era ir para a cova antes do tempo.

Pedrinho sossegou-a como pode e afinal saiu para o terreiro, gritando que se acalmassem porque dentro de uma ou duas horas estaria de volta com a menina.

Lá no terreiro, só com saci outra vez, voltou-se para ele e disse:

— E agora, amigo saci, que iremos fazer?

— Estou armando o meu plano, respondeu o diabrete. Já fiz uma inspeção pela casa toda e pelo terreiro. Estou na pista do raptor.

— Raptor? repetiu o menino sem nada compreender.

— Sim. Narizinho foi raptada pela Cuca. Descobri o rasto da horrenda bruxa perto da porteira. Temos agora de ir á caverna onde mora a Cuca e ver o que ha.

— Mas se a Cuca é poderosa como você diz, que poderemos fazer?

— Não sei. Lá veremos. O que é preciso é não desanimar. Se ela é poderosa, eu sou astucioso. A astucia inu-

meras vezes vence a força. Faça das tripas coração e acompanhe-me. O mau foi termos deixado escapar o porco que nos trouxe. Precisamos descobrir nova montaria.

— Isso é fácil. O meu cavalinho pangaré está no pasto de dentro. Manso como é, podemos pega-lo e cavalga-lo em pelo.

— Pois vamos pegar o pangaré, concordou o saci.

Não foi difícil. Logo que o cavalinho reconheceu o dono, veio na direção dele no trote. Pedrinho montou, com o saci na garupa, e lá partiu na galopada.

Pedrinho logo percebeu que qualquer animal que o saci montava mudava de modos, ficando não só mais ligeiro do que nunca e fogoso, como ainda com um senso de direção que parecia sobrenatural. Inumeras vezes tinha cavalgado o pangaré e galopado nele; nunca, porem, o vira assim tão ardente e veloz. Era como se o saci lhe comunicasse alguma força magica, que não é propria dos cavalos. Tal foi a velocidade desenvolvida pelo pangaré que Pedrinho não pode deixar de dizer:

— Mais parece o famoso Pégaso do que o meu velho e lerdo pangaré! Estou estranhando isto...

— Não estranhe coisa nenhuma, aconselhou o saci. Tudo são misterios que só eu sei e que não vale a pena explicar agora. Não fale comigo, não me atrapalhe. Estou fazendo um grande esforço de cabeça para aperfeiçoar o meu plano de não só lograr a Cuca malvada, como ainda castiga-la como merece.

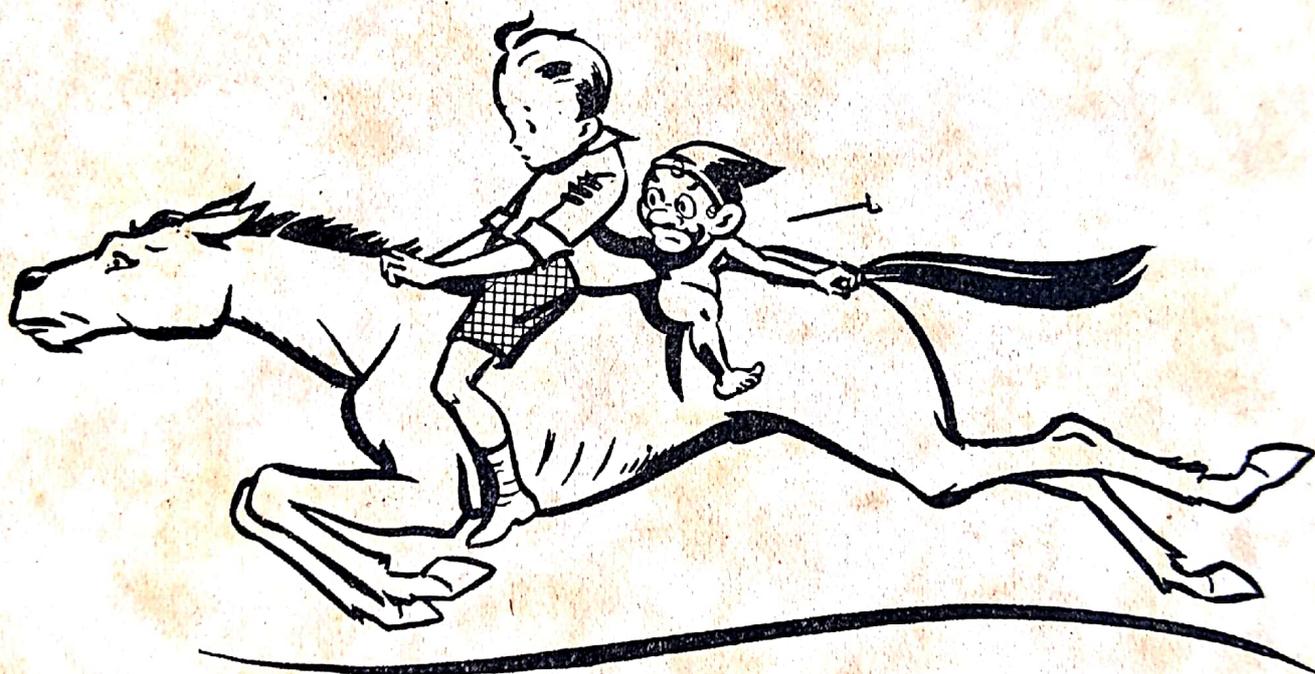
— Conte ao menos um pedacinho dessa grande ideia, para me consolar.

— E' uma ideia que aprendi com dona Benta, respondeu o saci.

— Com vóvó? inquiriu o menino admirado. Como isso, se vóvó jamais teve a coragem de falar com você?

— Sim, nunca falou comigo, mas muita coisa do que ela disse eu ouvi de dentro da garrafa. Meus ouvidos são apuradíssimos. Lembro-me da historia dum pingo d'agua que ela contou certa noite...

— Historia dum pingo d'agua! repetiu o menino, cada vez entendendo menos. Não posso perceber onde você quer chegar.



— Quero chegar á caverna da Cuca! respondeu o saci brincalhonamente.

Vendo que ele se recusava a contar o plano que tinha na cabeça, o menino calou-se. Esporeado pelo saci, o panga-ré aumentou ainda mais a velocidade do galope, de modo que antes da meia hora já se achavam numa região inteiramente nova para o menino.

— Onde estarei eu? ia ele pensando, sem coragem de interrogar o saci, de tal modo o via concentrado nas combinações do seu celebre plano.

## A Cuca

SUBITO, o saci exclamou:

— E' lá!

— E' lá o que? perguntou Pedrinho.

— A caverna da Cuca, naquela montanha de pedras nuas. Conheço muito bem estes sitios.

Pedrinho olhou na direção apontada e só viu grandes massas de sombras. Apesar de ser noite de lua, havia nevoas no ceu, de modo que a claridade não dava para perceber mais que o vulto da montanha que tinham pela frente. Que a região era pedregosa, isso Pedrinho logo percebeu, tais faiscas tirava do chão o seu cavalinho pangaré. Entretanto, não tropeçava, o que seria naturalissimo num animal acostumado a só trotar por bons caminhos ou campos livres de pedras.

— Estou estranhando este cavalo! não pode deixar de dizer o menino. Positivamente não é o mesmo. Nem sequer tropeça...

— E' que lhe dei a comer sete folhas duma planta que só eu sei para que serve.

— Logo vi. Seria otimo que me ensinasse o segredo dessa planta. Com ela a gente poderia até transformar um burro morto em Bucefalo...

O saci, apesar das suas habilidades e espertezas de demoninho, ignorava a historia dos cavalos celebres, e pois ficou na mesma com a citação do tal Bucefalo.

— Que bicho é esse? perguntou ele.

— Oh, era o cavalo de Alexandre, o Grande, um cavalo bravissimo, que nenhum homem, fóra Alexandre, jamais conseguiu domar. Um dia, quando estivermos sossegados, hei de contar a historia dos grandes cavalos.

— Sim, interrompeu o saci, mas agora feche o bico. Estamos nos dominios da Cuca, onde qualquer imprudencia nossa pôde nos custar muito caro. Essa horrenda bruxa tem ouvidos ainda mais apurados do que os meus.

Pedrinho calou-se.

Nisto a lua saiu de trás das nuvens e ele pôde ver melhor o sitio onde se achava. Bem á frente erguia-se a muralha duma montanha de pedras negras, com arvoredos retorcidos brotando das brechas. Era uma paisagem diabolica, que punha nos nervos das criaturas os mais exquisitos arrepios. Lugar bom mesmo para morada de monstros como a tal Cuca...

— E' ali! murmurou baixinho o saci, apontando para uma abertura negra. E' ali a entrada da caverna da senhora Cuca...

— Como sabe? perguntou Pedrinho tolamente.

— Que pergunta! respondeu o saci com ironia. Sei porque sei. Tinha graça que um saci não soubesse onde mora a Cuca... Mas, silencio! Temos que entrar com mil cautelas, de arrasto, como se fossemos cobras. Não! Não! O melhor é nos disfarçarmos em folhagem.

— Como isso?

— Nada de perguntas. Faça o que eu fizer, sem discutir, ordenou o diabrete, afastando-se dali para arrancar braçadas de folhas da arvore mais proxima. Pedrinho fez o mesmo. Em seguida o saci lascou da mesma arvore...

embiras, com as quais amarrou a folhagem em redor do seu corpinho. O menino fez o mesmo.

Ficaram tal qual dois arbustos moveis e, assim disfarçados, dirigiram-se para a caverna do horrendo monstro, pé ante pé, tão devagarzinho que levaram vinte minutos para caminhar uns poucos metros.

Subito, ao dobrarem uma curva, viram lá num canto a rainha. Estava sentada diante duma fogueira, de modo que a claridade das chamas permitia que as "folhagens" lhe vissem a carantonha em toda a sua horrivel feiura. Que bicha! Tinha cara de jacaré e garras nos dedos como os gaviões. Quanto á idade, devia ter para mais de tres mil anos. Era velha como o Tempo.

— Estamos de sorte, disse o saci ao ouvido do menino. A Cuca só dorme uma noite cada sete anos e chegamos justamente numa dessas noites.

— Como sabe? indagou Pedrinho, cuja curiosidade não tinha limites.

O saci danou e ameaçou-o, se continuasse com tais perguntas, de deixa-lo ali sózinho para ser devorado pelo monstro. Em seguida queimou na brasa do pito uma misteriosa folha, que havia apanhado pelo caminho sem que o menino o percebesse.



— Esta fumaça vai fazer que o sono da rainha seja mais pesado do que todas as pedras desta gruta. Depois de estar completamente adormecida, temos de amarrá-la, muitíssimo bem amarrada.

Logo que a fumaça alcançou o focinho da Cuca, esta, que já estava dando mostras de sono, pendeu a cabeça de lado e roncou.

— Já caiu no sono, disse o saci. Podemos agora tirar nossa roupa de folhas e sair em busca de cipós. Conheço um cipó que vale por quanta corda existe — até parece cipó próprio de amarrar cucas...

Despiram-se das folhas e saíram da caverna muito satisfeitos, porque as coisas estavam correndo às mil maravilhas.



## O novelo de cipós

CORTADO o cipó, trouxeram-no em dois grandes feixes; e, sem receio nenhum, pois os roncões da Cuca mostravam que ela estava a dormir como quem não dormia ha sete anos, começaram a amarra-la dos pés á cabeça.

Mais uma vez teve Pedrinho de reconhecer como era habil e arteiro o seu amigo saci. Amarrar parece coisa facil, mas não é. Se Pedrinho houvesse amarrado a Cuca, o mais certo era que com dois safanões a bruxa se livrasse da cipoada num minuto. Mas com o saci deu-se coisa diferente. O diabinho parecia nunca ter feito outra coisa na vida. Amarrou-a com a mesma ciencia com que as aranhas amarram as moscas nas suas teias, sem deixar um ponto fraco. O segredo, explicou ele, era estudar a amarração de modo que, ao despertar, a Cuca não pudesse fazer o menor movimento. Porque se a criatura amarrada puder fazer um pequeno movimento, por menor que seja, afrouxará um ponto no amarrilho; e depois afrouxará outro ponto — e assim irá até libertar-se duma vez.

Terminado o serviço, em vez de Cuca via-se no chão um verdadeiro carretel de cipó.

— Sim, senhor! exclamou Pedrinho. Aprendi mais hoje do que em toda a minha vida. Esta diaba pode ter a força de cem elefantes, mas duvido que escape da “nossa” amarração.

O saci sorriu daquele “nossa”, mas calou-se. Limitou-se a enxugar o suor da testa.

— Temos agora de acorda-la, disse depois.

— Deixe esse ponto comigo, pediu o menino. Com um bom pau de guatambú, eu acordo-a bem acordada.

— Nada de paus! Você não conhece a Cuca. Um monstro de tres mil anos, como ela, havia de rir-se das pauladas dum menino como você. A’ força, é impossivel lutar com ela. Temos de usar da astucia. A arma a empregar vai ser o pingo d’agua.

— Lá vem o pingo d’agua outra vez! exclamou o menino. Até parece caçoada, querer com um pobre pingo d’agua vencer uma bruxa destas...

— Pois fique sabendo que é o unico meio.

Pedrinho não entendeu, ficando de boca aberta, a observar as manobras do saci. A engenhosa criaturinha trepou que nem macaco pelas estalactites gotejantes da gruta até alcançar a que ficava bem a prumo sobre a cabeça da Cuca. E lá, então, encaminhou um fiozinho d’agua, de modo que gotejasse lentamente bem no meio da testa da Cuca.

— Basta isso, disse ele. No começo ela nem sente; mas com a continuação a dor vai ficando tamanha que ha de dar-se por vencida..

— Sim, senhor! murmurou o menino. Está aí uma invenção que nunca imaginei — mas agora me lembro que vóvó nos contou uma historia assim...

— Pois é, disse o saci. Ambos ouvimos essa historia; mas só eu prestei atenção e agora já estou tirando partido do que aprendi. Sou dez vezes mais esperto que você, Pedrinho. Não acha?

O menino não teve remedio senão achar que era mesmo. Os pingos começaram a cair. Os cem primeiros nenhuma impressão fizeram na bruxa, cujo sono parecia dos mais gostosos. Daí por diante já esse sono não pareceu mais tão calmo. Começou a fazer caretas, como se estivesse sonhando algum sonho horrível. Por fim abriu um olho e depois o outro.

Por varios minutos ficou apatetada, vendo diante de si aquelas duas criaturas de mãos na cintura, a olharem para ela sem dizer coisa nenhuma. Depois a sua inteligencia foi acordando e percebeu o pingo a lhe cair na testa. Quis mudar de posição. Não pôde. Só nesse momento viu que estava amarradinha como se fosse um carretel e condenada á mais absoluta imobilidade.



## O pingo d'agua

**A** colera da Cuca foi medonha. Deu um urro de ouvir-se a dez leguas dali, tamanho e tão horrendo que por um triz Pedrinho não disparou na corrida. E outro urro, e outro, e mais de cem.

— Bérre, diaba! gritou o saci. Bérre até rebentar. Pingo d'agua não tem ouvidos, nem tem pressa. Esse que botei pingando nessa horrenda testa vai divertir-se em pingar no mesmo lugarzinho por cem anos, se for preciso. Sei que Cuca é bicho duro, mas quero ver se pode com um pingo d'agua que não tem pressa nenhuma, nem tem outra coisa a fazer na vida senão pingar, pingar, pingar...

A dor que a queda de um pingo atrás do outro já estava causando nos miolos da bruxa começava a crescer ponto por ponto. Cada novo pingo era um ponto mais de dor. Naquelle andar ela não suportaria o suplicio nem um mês, quanto mais os cem anos com que a ameaçara o saci.

— Parem com esse pingo d'agua! berrou a bruxa.

O saci deu uma risada de escarneo.

— Parar? Tinha graça! Se estamos apenas começando, como quer você que paremos? Já arrumei tudo, de modo que o pingo pingue durante cem anos, e se não for suficiente isso, arranjurei as coisas de modo que depois desses cem anos pingue outros cem. Duzentos anos de pingo na testa parece-me uma boa conta, não acha?

A Cuca ainda urrou como cem mil onças feridas, e espumou de colera, e ameaçou ceus e terras. Por fim viu que estava fazendo papel de boba, pois havia encontrado afinal um adversario mais inteligente do que ela; e disse:

— Parem com este pingo que já está me pondo louca! Tenham dó duma pobre velha...

— Pobre velha! A coitadinha... Quem não a conhece que a compre, bruxa duma figa! Só pararemos com o pingo se você nos contar o que fez de Narizinho.

— Hum! exclamou a bruxa, percebendo afinal a causa de tudo aquilo. Já sei...

— Pois se sabe, desembuxe. Do contrario, a sua sina está escrita: ha de morrer no maior suplicio que existe. E nada de tentar enganar-nos. E' ir dizendo onde está a menina, o mais depressa possivel.

— Farei o que quiserem, mas primeiro hão de desviar de minha testa este maldito pingo que me está deixando louca.

— Assim será feito, disse o saci trepando de novo ás estalactites e desviando o fiozinho d'agua para um lado. A Cuca deu um suspiro de alivio. Tomou folego; descansou um bocado; depois disse:

— Encantei essa menina que vocês procuram, mas só poderei desencanta-la



se vocês me trouxerem um fio de cabelo da Iára. Sem isso é impossível.

— Não seja essa a duvida, respondeu o saci. Iremos buscar o fio de cabelo da Iára. Mas se ao voltarmos com ele você não quebrar o encanto, juro que deixarei o pingo a pingar nessa testa horrenda, não cem anos, mas cem mil anos, está ouvindo?

E, dizendo isso, tomou Pedrinho pela mão e retirou-se com ele da caverna.



## A Iára

VAMOS á cachoeira onde mora a Iára, disse. Essa rainha das aguas costuma aparecer sobre as pedras nas noites de lua. E' muito possivel que possamos surpreende-la a pentear os seus lindos cabelos verdes com o pente de ouro que usa.

— Dizem que é criatura muito perigosa, murmurou Pedrinho.

— Perigosissima, declarou o saci. Todo o cuidado é pouco. A beleza da Iára dói tanto na vista dos homens que os cega e os arrasta para o fundo d'agua. A Iára tem a mesma beleza venenosa das sereias. Você vai fazer tudo direitinho como eu mandar. Do contrario, era uma vez o neto de dona Benta!...

Pedrinho prometeu obedecer-lhe cegamente.

Andaram, andaram, andaram. Por fim chegaram a uma grande cachoeira cujo ruido já vinham ouvindo de longe.

— E' ali, disse o perneta apontando. E' ali que ela costuma vir pentear-se ao luar. Mas você não pode vê-la. Tem de ficar bem quietinho, escondido aqui atrás desta pedra e sem licença de espiar a Iára. Se não fizer assim, ha de arrepender-se amargamente. O menos que poderá acontecer é ficar cego.

Pedrinho prometeu, e de medo de não cumprir o prometido foi logo tapando os olhos com as mãos.

O saci partiu, saltando de pedra em pedra, para logo desaparecer por entre as moitas de samambaias e begonias silvestres.

Vendo-se só, Pedrinho arrependeu-se de haver prometido conservar-se de olhos fechados. Já tinha visto o Lobishomem, o Capora, o Curupira, a Cuca. Por que não havia de ver a Iára também? O que diziam do poder malefico dos seus encantos com certeza era exagero. Além disso, poderia usar um recurso: espiar com um olho só. Se ficasse cego, ficaria cego de um olho só. O gosto de contar a toda gente que tinha visto a famosa Iára valia bem um olho!

Assim pensado, e não podendo por mais tempo resistir á tentação, fez como o saci: foi pulando de pedra em pedra, seguindo o mesmo caminho por ele seguido.

Subito, estacou, como fulminado pelo raio. Ao saltar a uma pedra mais alta do que as outras, viu, a cincoenta metros de distancia, uma ninfa de deslumbrante beleza em repouso numa pedra verde de limo, a pentear com um pente de ouro os longos cabelos verdes côr do mar. Mirava-se no espelho das aguas, que naquele ponto formavam uma bacia de superficie parada. Em torno dela centenas de vagalumes descreviam circulos no ar, forman-



do a corôa viva da rainha das aguas. Joia bela assim, pensou Pedrinho, nenhuma rainha da terra jamais possuiu. A tonteira que a vista da Iára causa nos mortais tomou conta dele. Esqueceu até do seu plano de olhar com um olho só. Olhava com os dois, arregaladissimos, e cem olhos que tivesse com todos os cem olharia.

Enquanto isso, ia o saci se aproximando da Mãe d'Agua, cautelosamente, com infinitos de astucia para que ela nada percebesse. Quando chegou a poucos metros de distancia, deu um pulo de gato e *nhoc!* furtou-lhe um fio de cabelo.

O susto da Iára foi grande. Desferiu um grito e precipitou-se nas aguas, desaparecendo.

O saci não esperou por mais. Com espantosa agilidade de macaco, aos pinotes, saltando as pedras de duas em duas, de tres em tres, num momento se achou no ponto onde Pedrinho, ainda no deslumbramento da beleza, jazia de olhos arregalados, imovel, feito uma estatua.

— Louco! exclamou o saci lançando-se a ele e esfregando-lhe nos olhos um punhado de folhas colhidas no momento. Não fosse o acaso ter posto aqui ao meu alcance esta planta maravilhosa e você estaria perdido para sempre. Louco, dez vezes louco, louquissimo, que você é, Pedrinho! Por que me desobedeceu?

— Não pude resistir, respondeu o menino logo que a fala lhe voltou. Era tão linda, tão linda, tão linda, que me considerei feliz de perder até os dois olhos em troca do encantamento de contempla-la por uns segundos.

— Pois saiba que cometeu uma grande falta. Não devia pensar unicamente em si, mas tambem na pobre dona Benta, que é tão boa, e na sua mãe e em Narizinho. Eu,

apesar de um simples saci, tenho melhor cabeça do que você, pelo que estou vendo...

Aquelas palavras calaram no menino, que nada teve a dizer, achando que realmente o saci tinha toda a razão.

— Bem, continuou o duendezinho, agora que o perigo já passou, tratemos de voltar á caverna da Cuca. E depressa, antes que amanheça. Lembre-se que prometemos a dona Benta estar no sitio com a menina sumida logo ao romper da manhã.



## Na caverna da Cuca

VOLTANDO os dois na maior pressa para os domínios da Cuca, encontraram-na com um estranho ar de riso na horrenda boca, a falar sozinha, como se estivesse muito satisfeita da vida. Assim, porém, que os viu de novo por lá, a bruxa estremeceu e o seu sorriso transformou-se numa careta de colera e desespero.

— Conseguiram voltar? exclamou traindo os seus maus pensamentos.

— Está claro que sim! respondeu o saci.

— E trouxeram o fio de cabelo da Iára?

— Está claro que sim! repetiu o saci. Ei-lo aqui, disse, apresentando á horrenda megéra o verde fio de cabelo da Mãe d'Água.

A Cuca estorceu-se toda dentro do novelo de cipós num supremo arranco para libertar-se daquela prisão. Nada conseguindo, pôs-se a vociferar e a soltar pela horrível boca uma espuma venenosa.

Aquela historia da Iára e do fio de cabelo tinha sido apenas um embuste de que lançara mão para perder o menino e o saci, na certeza de que nenhum deles resistiria aos encantos da Iára. Mas vendo que se tinha enganado, debatia-se no maior acesso de colera e desespero, sentindo-se completamente vencida. E por quem! Por um menino de nove anos e mais um sacizinho...

Entretanto, perfida como era, tentou ainda usar da astúcia. Acalmou-se e disse, num tom muito amavel:

— Muito bem. Mas esse fio de cabelo da Iára não basta para romper o encanto da menina. Preciso ainda de um fio de barba do Capora.

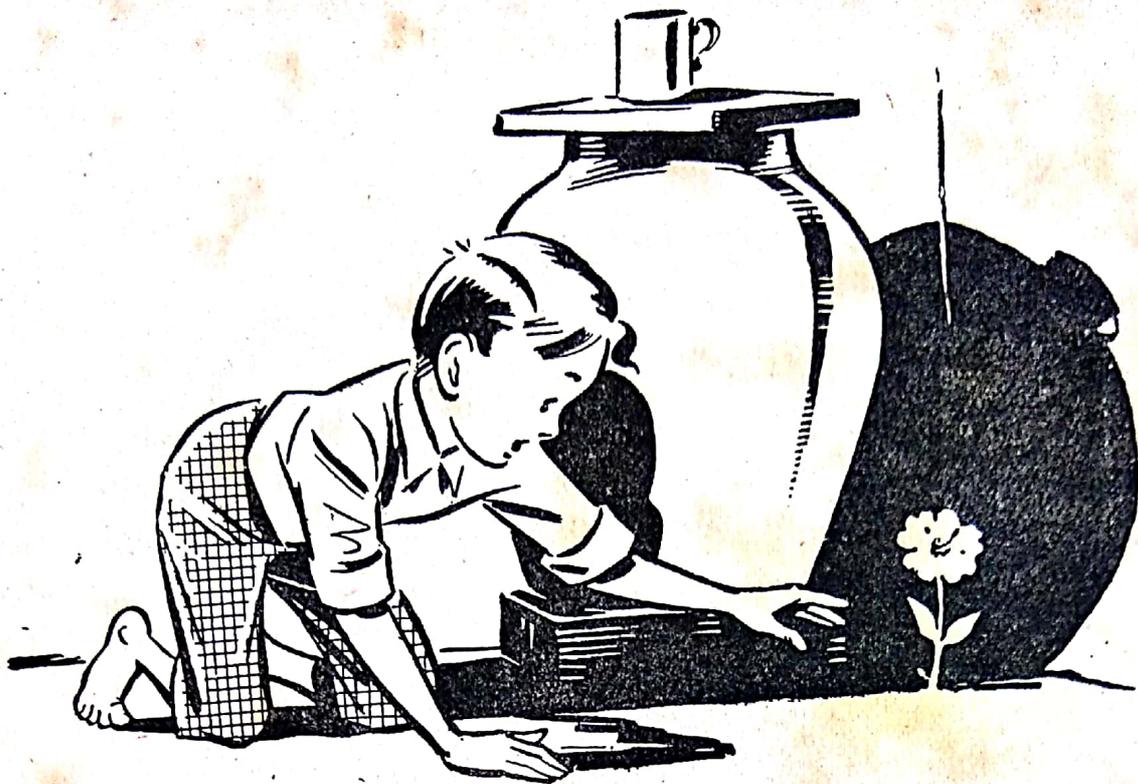
— Perfeitamente, senhora Cuca. Ali em cima daquelas estalactites está o fio de barba do Capora de que você precisa, disse o saci, apontando para o pingo d'agua. Vou já busca-lo...

Vendo pela firmeza das palavras do saci que era inutil tentar engana-lo segunda vez, a Cuca deu um profundo suspiro e confessou-se vencida.

— Meus parabens. Vocês descobriram a unica arma no mundo capaz de vencer uma Cuca — esse miseravel pingo d'agua... Farei como querem. Desencantarei a menina. Voltem ao sitio, procurem perto do pote d'agua uma flor azul que lá deixei; arranquem-lhe as petalas e lancem-nas ao vento logo ao romper da manhã. Narizinho, que deixei transformada em pedra, reaparecerá imediatamente.

— E se isso for um embuste como da primeira vez? perguntou Pedrinho.

— Não é. Reconheço que fui vencida e que seria tolice insistir. Voltem ao sitio, façam o que eu disse e depois venham desamarrar-me. Juro que jamais perseguirei qualquer pessoa lá do sitio.



XXXIII

## Desencantamento

**A** madrugada já vinha rompendo quando os dois aventureiros chegaram de novo ao sítio. Dona Benta e tia Nastacia estavam ainda acordadas, porém mais calmas do que da primeira vez. Assim que os viram entrar, exclamaram ambas ao mesmo tempo:

— Trouxeram Narizinho?

— Sim, vóvó, respondeu Pedrinho sem ter a certeza de que ela se desencantaria ou não. Espere mais um minuto que vai ver de novo sua neta, forte e corada como sempre.

Disse e correu a ver se atrás do pote existia alguma flor azul.

Lá estava ela, a tal flor azul — exquisitíssima e diferente de todas as flores conhecidas. O menino tomou-a, desfolhou-a e lançou-a ao vento, como a Cuca mandara.

Mal acabou de fazer isso, um fato maravilhoso se deu. Uma pedra do terreiro, que ninguém se lembrava de ter visto ali, principiou a inchar, a crescer e a tomar forma de gente. Segundos depois essa forma de gente começou a apresentar os traços de Narizinho, que, por fim, reapareceu tal qual era, forte e corada como Pedrinho o prometera a dona Benta.

Foi uma alegria. As duas velhas atiraram-se á menina e choraram quantas lagrimas ainda tinham dentro dos olhos — mas desta vez do mais puro contentamento.

— Então, minha filha, que foi que aconteceu? perguntou dona Benta.

Narizinho, ainda tonta, de pouco se recordava. Minutos após, entretanto, suas ideias principiaram a aclarar-se e pôde contar o que havia sucedido.

— Estou me lembrando, disse correndo a mão pela testa. Foi assim. Eu estava com Emilia debaixo da jaboticabeira. De repente, uma velha, muito velha e coróca, aproximou-se de mim com um sorriso muito feio na cara.

— “Que é que a senhora deseja?” perguntei-lhe naturalmente.

— “Desejo apenas oferecer á menina esta linda flor”, respondeu ela, apresentando-me uma flor azul muito exquisita. “Cheire; veja que maravilhoso perfume tem”.

Eu, sem desconfiar de coisa nenhuma, cheirei a tal flor — e imediatamente meu corpo principiou a endurecer. Perdi a fala; virei pedra. De nada mais me lembro senão que, de repente, fui revivendo outra vez e aqui estou...

Só então dona Benta compreendeu que Pedrinho a tinha enganado para evitar que ela morresse de dor — e perdoou-lhe aquela boa mentira. Depois fez-lhe grandes elogios, quando soube do muito que ele e o saci tiveram de lutar para que a horrenda Cuca desencantasse a menina.

— Vejo, Pedrinho, que você é um verdadeiro herói. Essa proeza que acaba de realizar até merece aparecer num livro como uma das mais notáveis que um menino da sua idade ainda praticou.

— Espere, vóvó, disse Pedrinho com modestia. Se a senhora emprega essas palavras para mim, que palavras empregará para o meu amigo saci? Na verdade foi ele quem fez tudo. Sem a sua astúcia e conhecimento da vida misteriosa da floresta e dos hábitos da Cuca, eu sozinho nada teria conseguido. Absolutamente nada. Agradeçam ao saci, que não faz senão dar o seu ao seu dono, como diz tia Nastacia.

Todos se voltaram para o saci. Mas...

— Que é do saci? exclamaram a um tempo. Procuraram-no por toda a parte, inutilmente. O heroico duendezinho duma perna só havia desaparecido...



— Que ingrato! exclamou Narizinho com tristeza. Foi-se embora sem nem ao menos despedir-se de mim...

De noite, porém, ao deitar-se, verificou que havia sido injusta. Em cima do travesseiro encontrou um raminho de miosotis, que não podia ter sido posto lá senão pelo saci. Miosotis em inglês é *forget-me-not* — que significa “não-te-esqueças-de-mim”.

— Que alma poetica ele tem! murmurou a menina, comovida.



